UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS (CUTINS) – CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA TOCANTINS (FACHTO)
CURSO DE LICENCITURA PLENA EM HISTÓRIA

DANIELA DANIELE RODRIGUES GAIA

O ENTRELAÇAR DE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, SABERES E VIVENCIAS DE MULHERES QUE MANIPULAM PLANTAS MEDICINAIS NA AMAZÔNIA TOCANTINA, CAMETÁ-PA

CAMETÁ – PA
2023

DANIELA DANIELE RODRIGUES GAIA

O ENTRELAÇAR DE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, SABERES E VIVENCIAS DE MULHERES QUE MANIPULAM PLANTAS MEDICINAIS NA AMAZÔNIA TOCANTINA, CAMETÁ-PA

CAMETÁ – PA
2023

DANIELA DANIELE RODRIGUES GAIA

O ENTRELAÇAR DE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, SABERES E VIVENCIAS DE MULHERES QUE MANIPULAM PLANTAS MEDICINAIS NA AMAZÔNIA TOCANTINA, CAMETÁ-PA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de História - FACTHO /UFPA – do Campus Universitário do Tocantins-Cametá como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Profa. Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

CAMETÁ – PA
2023

DANIELA DANIELE RODRIGUES GAIA

O ENTRELAÇAR DE MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, SABERES E VIVENCIAS DE MULHERES QUE MANIPULAM PLANTAS MEDICINAIS NA AMAZÔNIA TOCANTINA, CAMETÁ-PA

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª Benedita Celeste de Moraes Pinto
FACHTO/PPGEDUC-UFPA-Cametá
Orientadora

_____

Profª. Drª. Andrea Silva Domingues
FLL/ PPGEDUC-UFPA-Cametá
Avaliadora

_____

Profª. Ma. Renata Ferreira Siqueira
PPGEDUC/UFPA-Cametá
Avaliadora

A minha avó, Maria da Glória, e a todas as mulheres do Baixo Tocantins, que nos encantam com suas histórias.

AGRADECIMENTOS

Minhas conquistas nunca foram individuais, sempre coletivas, ao longo da minha pesquisa me faltam palavras para expressar esse sentimento tão genuíno, que é a gratidão.

Agradeço a Deus, ao meu guerreiro São Jorge, e tantas outras divindades, que me acompanharam durante esse processo de escrita.

Aos(as) meus(minhas) professores(as) desde minha alfabetização até o ensino superior, pela indicação dos caminhos que guiaram meus passos rumo a diferentes conhecimento.

A UFPA e, especialmente, ao meu tão querido Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, pelo lugar de acolhimento, transformações e ancoradouro dos meus sonhos e de tantos jovens da região Tocantina. Gratidão a coordenação, professores, Técnicos(as) e a todos(as) os(as) funcionários(as) que formam a família UFPA-Cametá pela sempre recepção e amparo.

À minha encantadora professora e orientadora, Benedita Celeste de Moraes Pinto. agradeço o apoio, paciência, cumplicidade e incentivo no decorrer da pesquisa que deu origem a este estudo. Você é fonte inesgotável de inspiração.

Agradeço o amor, carinho, cuidado e esforço da minha avó, Maria da Glória, fonte e luz das minhas ideias e do meu olhar mais encantado. Obrigada pelo incentivo ao estudo, por me incutir o espírito rebelde, questionador e provocativo. Agradeço as inúmeras vezes que você se desdobrou, multiplicou e me impulsionou para que hoje eu pudesse completar esse ciclo. Gratidão Maria da Glória, minha inspiração maior.

Agradeço a minha querida e amada mãe, Daniele Gaia, que tão jovem teve que cuidar de mim, à sua maneira, e da melhor forma que podia. Você foi incrível, tudo que eu conquistar nesta vida sempre vai ser dedicado a você.

Ao meu padrasto Adenilton Batista pelo apoio e carinho comigo, por me acolher e vibrar junto. Aos meus irmãos, Kaique Gaia e Kauê Gaia, motivos dos meus maiores esforços para alçar voos altos.

Agradeço aos meus primos, Dafny, Artur, Ana, David, Dalila Neto, Lanna, Diego, Cecilia e Samuel, aos quais eu carinhosamente chamo de irmãos, por alegrarem a minha vida.

À minha cara e admirável tia, Vergiliana Corrêa, a mulher que mais ouviu meus lamentos durante o período de escrita deste trabalho, e quem mais me deu conselhos e

suporte para que eu continuasse e concluísse. Obrigada, tenho a sorte e o prazer de ser sua sobrinha.

Ao homem que redefiniu a palavra “pai”, Daniel Gaia, para você, por todas as vezes que tu tornaste o decorrer do meu trabalho mais leve e aconchegante com a tua presença, minha gratidão. A você meu pai, Dorielson Gaia, serei eternamente grata pelo cuidado e carinho de sempre.

As minhas tias e tios, Dione Rodrigues, Denilson Costa, Débora Gaia, Assis Freitas, Lidiane Silva e Kleber Nabiça, que sempre foram muito atenciosos e entusiasmados com meu caminhar.

Meu imenso e saudoso agradecimento a todas as mulheres que colaboraram para a tecitura deste Trabalho de Conclusão de Curso, especialmente, Nazaré Baía, Maria da Glória e Benedita Silva, que fizeram o mesmo florir. Obrigada por colaborarem, por me receberem, pelas trocas, que foram extremamente valiosas, acredito que vocês irão inspirar e conscientizar as pessoas que lerem esse estudo.

Aos amigos que fiz no campus, que vou levar dentro do coração, Romário, Leo, Daellem e Hian. Os corredores da UFPA me renderam lindas amizades, que tornaram o conviver mais bonito.

Aos meus amigos do Baixo Tocantins, como Giovanni, Ely e Jeremias, meus amigos Fernanda, Ana Paula, Fernando, Rudy, Luana, Alander, Taison, André, Anthony, Andrew, Ramon, Márcio, Edilson e Ane, que saiam para tomar uma cervejinha para aliviar a cabeça e diziam que tudo iria dar certo.

Aos meus amigos Caio Henrique, Josielson Marciel, Rebeca Costa, Micele Silva, Diego Lacerda, Laiane Valente e Ana Cláudia, pela amizade de anos e a torcida no decorrer da pesquisa e na finalização deste estudo.

Gratidão a minha grande amiga Flávia Europa, que é minha estrela guia no céu.

Aos meus amados parceiros de vida acadêmica, Lucas Feitosa, Beatriz Martins e Odilena Leão, que se tornaram minha outra família. Com vocês me reinventei, sem dúvidas, foram e são valiosos em minha caminhada, faço dos nossos momentos vividos eternas lembranças de um curso de muito aprendizado e descobertas, entre as idas, ao Wagner, até dias inteiros estudando.

Concluo com um sentimento tão gostoso que é agradecer por tantas pessoas que estiveram comigo em diferentes momentos, tantas que as vezes nem cabe. Gratidão!

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....6

CAPÍTULO I

“REMEDIOS DO MATO’’: MEMÓRIAS, SABERES ANCESTRAIS E SEUS PROCESSOS DE CONTINUIDADE.....15

1.1 O PERCURSO HISTÓRICO DO USO DAS PLANTAS MEDICINAIS NO COTIDIANO E SUAS HERANÇAS.....16

1.2. MULHERES E A ARTE DA REINVENÇÃO HISTÓRICA.....19

1.3. MULHERES COMO GUARDIÃS DE MEMORIAS: A RELAÇÃO DA MATA EM PÉ COM A VIDA.....22

CAPÍTULO II

PLANTAS MEDICINAIS, AUTONOMIA, COLETIVIDADE E SUSTENTABILIDADE FEMININA.....26

2.1 MULHERES E REMÉDIOS NATURAIS COMO FONTE DE AUTONOMIA E RENDA.....27

2.2 AS MÉDICAS DA TERRA E O VÍNCULO COM AS SUAS COMUNIDADES.....35

2.3 AS PLANTAS QUE CURAM NO CONTEXTO PANDEMICO.....44

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....48

FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA.....50

BIBLIOGRAFIA.....51

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa de Localização de Cametá ----------13

Imagem 2 -- Vista área da cidade de Cametá ----------13

Imagem 3-- Produtos à venda na Feira Municipal de Cametá ----------14

Imagem 4 – Dona Nazaré em entrevista----------29

Imagem 5 – Benedita Silva e sua farmácia popular ----------31

Imagem 6 – Receita para curar dor no estomago escrita à mão por Benedita Silva---------32

Imagem 7 – Dona Glória na preparação dos remédios ----------34

Imagem 8 – Preparação de pomada para uso na puxação das pessoas----------34

Imagem 9 – Foto da oficina de banhos e garrafadas----------38

Imagem 10 – Pomadas feita para puxação----------39

Imagem 11 – Foto das garrafadas produzidas nas oficinas----------39

Imagem 12 – Maria da Glória e seu Curumim na produção das garrafas ----------40

Imagem 13 – Dona Nazaré e suas plantas medicinais ----------42

Imagem 14 – Quintal medicinal Maria da Glória ----------42

Imagem 15 – Dona Benedita e seu quintal medicinal ----------42

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar o cotidiano e os saberes de mulheres que se utilizam de plantas medicinas na Amazonia Tocantina, município de Cametá-PA, observando suas narrativas na perspectiva de entender este universo entrelaçado pelas suas histórias, memorias, práticas e vivencias, buscando analisar o caráter cultural e socias que são atravessados pelas práticas de curas com plantas e ervas medicinais. Uma vez, que compreender a história dessas mulheres e seus saberes tradicionais é de suma importância, devido a necessidade de reconhecer e valorizar a participação feminina no uso de plantas medicinas que é carregada de aprendizados que contribuem para o cuidado e saúde das pessoas na região em estudo. Metodologicamente, o estudo foi executado em dois momentos. No primeiro foi realizado um levantamento e estudo de obras de autores cujos estudos se voltam para questões relacionadas a saberes e práticas de curas tradicionais dentre os quais destaca-se: LOBÔ (2014), BONÓSKI, (2002), PERROT (2017), PINTO (2012, 2010, 2018), HOBSBAWM (1998), SANTOS (2000), JIM SHARPE E PETER BURKE (1992), além de outros, que serviram como auxílio teórico metodológico para a composição final deste estudo. No segundo momento, foi realizada a pesquisa de campo, mediante realização de entrevistas e conversas informais. Tem-se por base, portanto, a oralidade, advinda das narrativas das pessoas entrevistadas, com suas memórias e saberes a respeito do uso da medicina popular baseada na utilização de cascas, plantas e óleos de plantas medicinais. Dados da pesquisa apontam que a prática da medicina tradicional realizada por mulheres é que também pode ser vista como uma fonte de renda, para o sustento da sua família, uma vez, que algumas mulheres, consideradas como as são guardiãs desses saberes, preparam banhos, pomadas e garrafadas para vender, uma forma de gerar renda extra para ajudar na alimentação e produtos básicos de suas residências. Assim como, se observou que os remédios à base de ervas e plantas medicinais teve procura maior durante o período da pandemia da Covid-19, pois muitas pessoas passaram a utilizá-las no cuidado e prevenção das sequelas deixadas por essa doença.

PALAVRAS-CHAVE: História. Mulheres. Saberes. Medicina Tradicional

ABSTRACT

This work aims to study the daily life and knowledge of women who use medicinal plants in the Tocantina Amazon, municipality of Cametá-PA, observing their narratives in the perspective of understanding this universe intertwined by their stories, memories, practices and experiences, seeking to analyze the cultural and social character that are crossed by the practices of cures with medicinal plants and herbs. Since, understanding the history of these women and their traditional knowledge is of paramount importance, due to the need to recognize and value female participation in the use of medicinal plants that is loaded with learning that contributes to the care and health of people in the region under study. Methodologically, the study was carried out in two moments. In the first one, a survey and study of works by authors whose studies turn to questions related to knowledge and practices of traditional healing were carried out, among which we highlight: LOBÔ (2014), BONÓSKI, (2002), PERROT (2017), PINTO (2012, 2010, 2018), HOBSBAWM (1998), SANTOS (2000), JIM SHARPE AND PETER BURKE (1992), in addition to others, which are serving as theoretical and methodological aid for the final composition of this study. The second moment of the research is being carried out from the field research, through interviews and informal conversations. It is based, therefore, on orality, arising from the narratives of the people interviewed, with their memories and knowledge about the use of folk medicine based on the use of bark, plants and oils from medicinal plants. Preliminary research data indicate that the practice of traditional medicine performed by women can also be seen as a source of income to support their families, since some women, considered as guardians of this knowledge, prepare baths , ointments and bottles to sell, a way to generate extra income to help with food and basic products for their homes. Just as it was observed that herbal and medicinal plant-based remedies were in greater demand during the Covid-19 pandemic period, as many people began to use them in the care and prevention of the sequelae left by this disease.

Keywords: History. Women. knowledge. Traditional Medicine

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objetivo estudar o cotidiano e os saberes de mulheres que se utilizam de plantas medicinas na Amazonia Tocantina, no município de Cametá-PA, observar as possíveis narrativas, entender este universo que se entrelaça por meio de memorias, práticas e de vivencias, analisando o caráter cultural que se transpassa através das práticas de cura.

Compreender a história dessas mulheres e seus saberes tradicionais é importante, pois nota-se a necessidade de reconhecer e valorizar a participação feminina no uso de plantas medicinas que é carregada de aprendizados que contribuem para cuidado e saúde de pessoas.

Quando li "A mulher na História, a história da mulher" de Zuleika Alambert (2004), me surgiu várias reflexões a respeito de como mulheres que trabalhavam utilizando plantas medicinais faziam para sobreviver e gerar sua autonomia. Segundo Zuleika,

> Desde a Antiguidade até nossos dias, as mulheres sempre se bateram para sobreviver fisicamente, para defender um lugar que lhes foi escamoteado, para adquirir sua autonomia física e espiritual e sua libertação como ser humano. Nesse processo belíssimo, para não submergir de vez, elas conservam o antigo amor na natureza e às antigas formas de compartilhar e não tomar, de proteção em lugar de opressão, e visão de poder como responsabilidade e não domínio.'' (ALAMBERT,2004, p.66).

A partir desse modo de sobrevivência, que Alambert aborda em seu texto, se torna interessante pensar a respeito de como essas mulheres também usam seu saber popular como uma forma autônoma. A luta das mulheres não é nova, vem se constituindo ao longo dos anos se apresentando de diversas formas em especial sua relação com a natureza.

Desde pequena vi minha avó, Maria da Glória Rodrigues Gaia,[1] por muitas vezes se utilizar desses modos de sobrevivência. Um deles é o uso de plantas medicinas, que por muitas vezes ajudavam no cuidado e na saúde, de seus filhos e netos. Para além disso, minha avó, que agora já é aposentada, nunca teve trabalho fixo, viu nas garrafadas, banhos e pomadas, uma forma de gerar renda para ajudar na alimentação e nos produtos básicos para dentro de casa. Muitas vezes, esses produtos naturais também auxiliaram na compra de livros e apostilas para meus estudos.

[1] Maria da Glória Rodrigues Gaia, cametaense é ex-vereadora, parteira, líder sindical, atuante na luta das mulheres em defesa delas terem seu lugar de voz. Através das suas vivências nas comunidades interioranas aprendeu o manuseio das ervas medicinais e passou a fazer os remédios caseiros.

O olhar encantado acerca da relação de cuidado e respeito que minha avó nutre com a natureza, a maneira que ela manipula as cascas, plantas e seivas e, faz disso um "dom", que ajuda no tratamento dos males do corpo.

A lembrança da mão da minha avó cheia de pomada com misturas de ervas afumentando[2] o meu pescoço para aliviar a dor de garganta. O cheiro doce do chá de alecrim[3], até as esfregadas de melão de são caetano[4] para matar alguma coceira. A relação de amizade cultivada ao longo do tempo, que já é rotina em casa, o acordar cedo e tomar café com a mesa cheia de encomendas de garrafada, pomada, banho. Todo esse universo que a utilização de remédios naturais oferece, despertou a jovem pesquisadora, dentro de mim, a curiosidade e a responsabilidade de falar um pouco sobre a história dessas mulheres. Desde pequena via minha avó como guerreira e agora também consigo enxergá-la como sujeita histórica.

Nesse sentido, a minha pesquisa aborda, através da memória oral, práticas e saberes de cura tradicional, exercidos por mulheres na região do Baixo Tocantins, no município de Cametá, suas relações sociais e seus processos identitários que se estabelecem a partir do trabalho com as plantas medicinais.

A historiografia positivista sempre foi entrave em relação ao papel histórico das relações de gênero, por isso este estudo busca impulsionar e visibilizar o universo que é carregado de processos de resistências, reinvenções e papeis que essas mulheres desempenham na vida das pessoas; desenvolvimento de suas façanhas, que embalam suas formas de autonomia e suas colaborações durante o período pandêmico. Neste sentido, o presente trabalho se entrelaça com a cultura popular e revisita memorias, histórias, saberes e construções sociais estabelecidas pela rede criada envolta da memória coletiva do uso de remédios naturais.

Essas reflexões servem como inspiração para compreender as memorias, ensinamentos e experiências a respeito desse tema, bem como analisar as ricas contribuições para o campo da história. Dessa forma, as questões norteadoras dessa pesquisa são: 1) Como se dá a utilização das plantas medicinais por essas mulheres nos seus aspectos sociais e culturais? 2) De onde veio esse saber? 3) Como essas mulheres utilizam o uso das plantas

[2] Afumentar é o ato de fazer massagem usando misturas de ervas medicinais.
[3] Além do cheiro doce, o alecrim tem propriedades antioxidantes, o chá ajuda na melhora da digestão, dores de cabeça e fraqueza em geral.
[4] Combate vermes, a planta é toda machucada e o sumo é bebido. Para febre e malária, usa-se o sumo ou chá das folhas. Para coceira ou inflamação de pele, a região é lavada com chá feito da planta toda.

medicinais como fonte de renda? 4) Quais são as plantas utilizadas por essas mulheres no cuidado e na saúde das pessoas e como são utilizadas? 5) Como se deu a utilização das plantas medicinais durante o período pandêmico?

Dessa maneira, o presente trabalho utilizou como aparado metodológico estudos de autores, que se voltam para questões relacionadas a memórias, saberes, cotidiano, e fundamentalmente, que analisam a utilização das plantas medicinais no município de Cametá- PA. Dentre tais autores, que auxiliaram teórica e metodologicamente a incorporar fundamentos aprendizados na escrita do processo histórico, destaca-se: LOBÔ (2014), BONÓSKI, 2002), PERROT (2017), PINTO (2012, 2010, 2018), HOBSBAWM (1998), SANTOS (2000), JIM SHARPE E PETER BURKE (1992). Segundo afirma Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita:

> a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, documentos, trabalhos e até páginas de web sites. Qualquer trabalho científico necessita de uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p. 32).

No mesmo sentindo, Fuzzi (2010) menciona, que a pesquisa de campo é frequentemente utilizada para:

> o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições, com o objetivo de compreender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade. A pesquisa de campo procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real (FUZZI, 2010).

Sem dúvida, a pesquisa que originou este estudo esteve inserida dentro da História Cultural, enveredada pelos ecos de memorias e pelo revisitar das lembranças, visto que, as fontes principais utilizadas neste trabalho são as falas das pessoas entrevistadas, que a partir da oralidade contam suas memórias, vivencias e saberes aliados ao uso da medicina popular. Segundo afirma Portelli (2000), história oral é imprescindível na pesquisa, "porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais" (PORTELLI, 2000, p.43). Pois, as fontes orais, conforme afirma PORTELLI (1997):

> contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos (PORTELLI, 1997, p. 31).

Neste sentido, durante as atividades de pesquisa de campo, mediante, observação em lócus, realização de entrevistas e conversas informais, foi possível dialogar de forma mais estreita com três mulheres, cujas narrativas entrelaçadas de memórias, histórias e saberes a respeito do uso da medicina popular baseada na utilização de cascas, plantas e óleos de plantas medicinais, contribuíram significativamente para as formulações das análises que tecem as tramas de constituição do presente trabalho de conclusão de curso. É importante ressaltar que todas as mulheres entrevistadas assinaram o termo de Esclarecimento de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que autoriza suas falas e imagens no trabalho.

Nestas condições, as colaboradoras deste estudo foram as seguintes mulheres: Maria da Glória da Rodrigues Gaia, 69 anos, filha de pescador artesanal e mãe extrativista de óleos, nascida em comunidade de base, é atuante em movimentos sociais, atuando em comunidades cristã, sindicatos de trabalhadores rurais, organizações de mulheres. Conta que se casou aos 19 anos, é mãe de 5 filhos, é ex-vereadora da cidade de Oeiras-PA. É parteira e conhecedora de plantas medicinais, possuindo saberes que foram repassados pelos seus antepassados. Participou de cursos ofertados pela prelazia de Cametá, principalmente dos cursos de capacitação de parteiras. Narra que foi através das suas vivências nas comunidades interioranas da região do Tocantins que passou a desempenhar o manuseio de ervas e plantas medicinais, com quais faz remédios caseiros.

Outra colaboradora foi a dona Nazaré Baía Pompeu, de 64 anos, nascida Ilha Guajará próximo ao Carapajó, é casada e mãe de 3 filhos. É umbandista, sua renda auxiliar surge através de seus conhecimentos populares. Diz que tem como ofício a feitura de remédios caseiros, além de trabalhar também com puxações e benzenções.

Benedita Silva de Andrade, conhecida como Lamparina, é outra mulher que muito colaborou com este estudo. Nascida na Ilha do Paruru, Lamparina tem 65 anos, é mãe de 2 filhos, participou do curso de plantas medicinais ofertado através da prelazia. Conta que já trabalhou na função de acessória de remédios naturais, onde deu cursos e palestras em mais de 20 municípios do Estado do Pará, ensinado como manipular plantas medicinais. Atualmente é dona de uma farmácia popular, no município de Limoeiro do Ajuru-PA, onde recebe sua clientela.

Destas forma, tendo como fonte de pesquisa a oralidade, mediante as memórias e histórias de vidas, captadas através de entrevistas e conversas informais, este trabalho busca analisar saberes e vivencias de mulheres na região do Tocantins no uso de plantas medicinais no seu cotidiano, abordando aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais na região da

Amazônia Tocantina, tendo como entreposto a Cidade de Cametá, no Pará, onde as mulheres entrevistadas se intercruzam em suas lutas reivindicatórias nos movimentos sociais, estreitam seus laços de solidariedade e partilham conhecimentos e saberes imbricados de vivencias, práticas e técnicas de manipulação de ervas e plantas medicinais, com os quais fazem os remédios caseiros.

A cidade de Cametá é sede do Município de Cametá, no estado do Pará, pertencente à mesorregião do nordeste paraense e à Microrregião de Cametá ou região do Tocantins, à margem esquerda do Rio Tocantins (queira ver a imagem 1, que é o mapa localização do município de Cametá). Sua população é estimada em aproximadamente 139.364 mil habitantes de acordo com o último censo realizado pelo IBGE, no ano de 2020. Sua área territorial é composta em sua grande maioria por ilhas, além de diversas vilas, como, Areião, Carapajó, Curuçambaba, Joana Coeli, Juaba, Moirada (São Benedito), vila do Carmo do Tocantins e a sede, Cametá.

O município de Cametá é formado por dez (10) distritos, essa divisão é caráter administrativa, para organizar a administração do município. Dessa forma, é predominante no município os espaços rurais, onde a agricultura e a pesca são as principais atividades econômicas (queira ver a imagem 2, que mostra uma vista da frente da cidade de Cametá, sede do município)

A cidade em questão foi fundada em 24 de dezembro de 1635, é uma das cidades mais antigas do Pará (FAPESPA, 2015). O processo de colonização não se altera dos demais lugares do território brasileiro, formado por forte presença de povos indígenas, negros e europeus, onde nesse processo de interação surge também o caboclo e o ribeirinho. Cametá é um município banhado pelas águas do Rio Tocantins possui 409 anos, sendo considera uma das cidades mais antigas da Amazônia. É possível chegar de transporte aquático, como barcos e balsas e terrestre como ônibus e automóveis, e ainda por meio aéreo.

Nas afirmações de Costa (2006), a economia deste município é baseada no extrativismo, através da agricultura, pesca, extração do açaí e madeira, além da criação de aves e animais. Embora a agricultura das regiões de ilhas não presente grande peso na economia, por ser vista como uma atividade com menor importância. Porém, a economia desse município está relacionada ao extrativismo, uma importante atividade para a sede do município de Cametá, principalmente, a feira livre da sede deste município que é abastecida com múltiplos produtos da agricultura, diferentes tipos de pescados, mariscos e demais produtos provenientes do extrativismo (COSTA, 2006, p. 233).

A feira municipal de Cametá é o principal polo da economia da região, é responsável pelo abastecimento alimentar da cidade, o peixe, a carne, e a farinha, "alimentos que se destacam e por isso possuem espaços específicos: mercado de carne, mercado de peixe, feira do açaí e feira da farinha" (JUNIOR, 2015, p. 4). Conforme afirma Moraes (2019), nessa feira pode-se encontrar grandes variedades de produtos, mercadorias destinadas a venda e a revenda, como por exemplo: peixes, frutos, verduras e o açaí (que é apanhado nas ilhas da região, e trazidos para venda e revenda no porto desta feira, em um espaço mais conhecido como feira do açaí). Ha venda de roupas, verduras, hortaliças e frutas, que na maior parte são atividades comerciais praticadas dentro da feira, principalmente, na decida do mercado de peixe, onde se aglomeram várias mulheres vendendo cheiro-verde, pimenta, limão e uma grande variedades de verduras (MORAES, 2019).

Na feira livre de Cametá é possível se observar a presença de produtos medicinais nas barracas, como: óleos, seivas, plantas, raízes e folhas, que muitas vezes se misturam junto com outros produtos naturais, como por exemplo, legumes, frutas e hortaliças, que são fonte de renda para muitos que cultivam saberes relacionados ao cuidado com a natureza. Homens e mulheres que muitas vezes se deslocam de seus interiores onde praticam a agricultura familiar na tentativa de assegurar algum lucro com a venda dos produtos que trazem.

Ao nos deparamos com esses vendedores, o conhecimento popular a respeito de plantas medicinais é aparente, quando em uma conversa, logo nos indicam folhas para preparar um chá, que vai aliviar a dor no estomago, ou alguma seiva, que pode agir como desinflamatória.

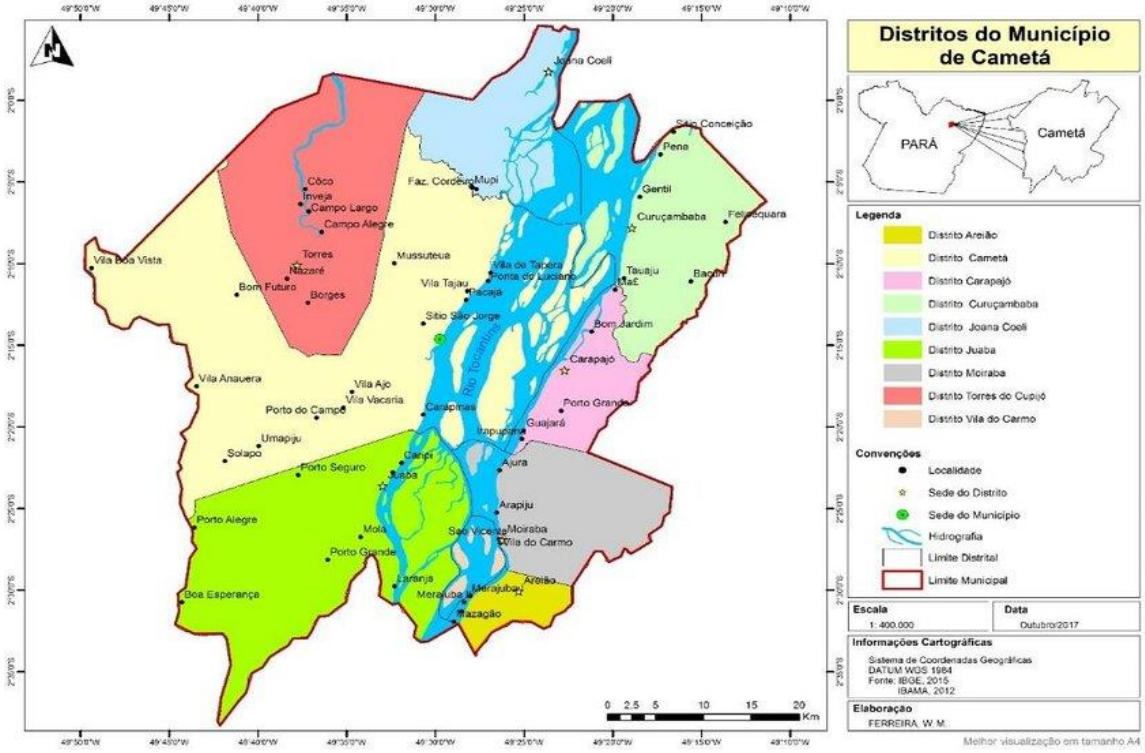
Nesse sentido, as trocas de conhecimento tradicionais transitam e emergem entre a população. E desta forma, apresentamos a relevância deste estudo, pois visa reconhecer e valorizar os saberes tradicionais de mulheres no que tange ao uso de plantas medicinais no cuidado e saúde das pessoas na Amazônia Tocantina.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo, é intitulado de **"Remédios do mato": memórias, saberes ancestrais e seus processos de continuidades".** Este capítulo trata sobre o panorama histórico a respeito das plantas medicinais e seu uso ao longo do tempo. O papel da mulher e seu aprendizado com as plantas medicinais, destaca o papel social das mulheres, seus processos de sobrevivência e resistências contada através de releitura de documentos históricos, que não valorizava

esses modos de vida. Esse capítulo também discorre a respeito da importância da mata em pé, do valor da vida e dos benefícios que o cuidado com a natureza traz para as pessoas.

No segundo capítulo, intitulado, "**Plantas Medicinais, Autonomia, Coletividade e Sustentabilidade Feminina",** discorre a respeito de como essas mulheres constroem suas identidades em meio ao seu saber tradicional entorno dos remédios naturais. E, como o saber popular, adquirido através das memórias se torna sujeito atuante para o processo de autonomia das mulheres. Bem como, os modos de se relacionar, e os vínculos construídos com o meio em que elas estão inseridas. No mesmo sentido, trata do papel atuante dessas mulheres no contexto pandêmico e como os remédios que faziam foram importantes para o cuidado do corpo e da mente da sua clientela.

Imagem 01: Mapa de localização do município de Cametá e seus distritos.



Fonte:https://www.researchgate.net/publication/338245044_Geotecnologias_aplicacoes_no_campo_interdisciplinar/citation/download

Imagem 2: Vista área da cidade de Cametá**.**

Fonte:https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=759788108466015&substory_index=759788108466015&id=100063765962621&sfnsn=wiwspwa&mibextid=RUbZ1f

Imagem 3 – Produtos à venda na Feira Municipal de Cametá.

Fonte: Arquivos da pesquisa, GAIA (2023).

CAPÍTULO I

“REMEDIOS DO MATO’’: MEMÓRIAS, SABERES ANCESTRAIS E SEUS PROCESSOS DE CONTINUIDADE

A natureza em sua exuberância e diversidade sempre foi explorada pelo ser humano. Apesar, da relação das pessoas com a natureza ser intrínseca, somos também natureza. Esse entendimento, infelizmente não é compartilhado por todos. Por isso, temos assistido na última década várias catástrofes naturais que têm ceifado milhares de vida.

Dessa forma, torna-se importante valorizar o saber tradicional, as memórias dos antepassados e aprender as formas harmoniosas de (con)viver com a natureza, que estão imbuídas no conhecimento popular.

Desde o nascimento até a morte, o ser humano utiliza recursos extraídos da natureza para viver. As plantas que curam, plantas medicinais têm auxiliado a prevenção e o cuidado de doenças. A natureza, não nos fornece somente alimentação, nos ajuda a viver, sobreviver. São folhas, raízes, cascas e frutos, que auxiliam no tratamento de diversos tipos de doenças. Uma planta pode servir para curar várias doenças.

Esse aprendizado é histórico, social e cultural. Cada povo, cada grupo social desenvolve esse conhecimento de formas diversas. Sendo assim, valorizar a memória, fazer registro desses relatos, são fundamentais para que esse saber não seja extinto. O conhecimento científico, aliado ao conhecimento tradicional, têm complementado os estudos a respeito do uso e manipulação das plantas medicinais, dando continuidade a esse processo tão rico de vivências e experiências.

Nesse estudo, vamos explorar de forma respeitosa a oralidade através das memórias de mulheres que desenvolveram importantes trabalhos na área das plantas medicinais. Essas mulheres são referência nesse assunto, são procuradas e requisitadas quando se trata de remédios naturais.

1.2 O PERCURSO HISTÓRICO DO USO DAS PLANTAS MEDICINAIS NO COTIDIANO E SUAS HERANÇAS

Diante do quadro de saúde, onde por um período de quase três anos, a pandemia da COVID-19 ceifou milhões de vida no mundo. No Brasil, sucumbiram a essa pandemia 687 mil[5]. Nesse momento, o sistema de saúde não foi suficiente para tratar os doentes e aqueles que se recuperavam.

Uma das alternativas encontradas pelas pessoas entrevistadas foi o uso dos remédios caseiros para fortalecimento do sistema imunológico. O recorrente uso dessa forma de medicina da mata, está baseada na memória de mães, avós ou bisavós, que recordam sempre com muito afeto que "leite de amapá[6] com mastruz" é bom para o pulmão.

O uso desses saberes, são processos culturais transmitidos de forma oral nas comunidades e nas famílias, daí a continuidade desse conhecimento, que tem sido complementado pela pesquisa cientifica que tem potencializado seus uso e poder de cura.

Esses remédios, devido sua origem estar vinculada a tradição popular, tem recebido o nome de "remédios do mato'' por estar relacionada as práticas afro e indígenas (BANÓSKI, 2002):

> Os primeiros escritos sobres as ervas relatam sua importância nos cerimoniais de magia e medicina. Há placas de barro babilônicas de 3.000 anos a.C., que ilustravam tratamentos médicos, e outras mais recentes que registram importações de ervas. Durante os 1000 anos subseqüentes, culturas paralelas na China, Assíria, Egito e Índia, desenvolveram registros escritos de ervas medicinais onde existem antigos escritos ocidentais que descrevem uma mistura de utilizações medicinais e mágicas para as plantas, e há escritos egípcios, de 1550 anos a.C., com receitas médicas e anotações sobre a utilização aromática e cosmética das ervas (BANÓSKI, 2002, p.1)

Nesse sentido, Banóski (2020) afirma, que ao longo do tempo os povos antigos de várias etnias já mencionavam e se utilizavam de remédios do mato, em rituais e no cuidado

[5] Fonte: https://www.google.com/search?q=numeros+de+mortes+covid+brasil&oq=numeros+de+mortes&aqs=chrome.2.69i57j0i512l9.7684j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acessado em 08/10/2022

[6] O amapazeiro é uma árvore da Amazônia produtora de látex. Dele se retira um leite que tem ação anti-inflamatória. Misturado com mastruz, outra erva amazônica auxilia no combate a tosse, gripe, dores de garganta e no tratamento de doenças respiratórias.

da saúde do corpo, portanto, desde os tempos mais remotos a relação das populações com a natureza esteve ligada ao que ela exerce, dá vida ao ser.

Antes da escrita as pessoas usavam as ervas para o cuidado do corpo e espírito. Dessa forma, a busca das ervas mais apropriadas para a alimentação ou para a cura de doenças, eram marcadas por alegrias do sucesso e pelas tristezas do fracasso. Em suas experiências com elas, descobertas importantes foram feitas, como a qualidades de cada uma as que serviam de alimento, medicamento, veneno, alucinógeno e outras (BANÓSKI 2002).

No Oriente Médio, encontrou-se um Tratado, datado de 3.700 a.c. escrito por Shen Wung. Nesse documento médico que se referia as experiencias do Imperador com o uso das plantas medicinas, mencionava que havia uma planta para cada enfermidade. Essa afirmativa baseou-se na lenda de que o imperador tinha um abdômen transparente e assim poderia ver os efeitos que as plantas faziam em seu organismo (BANÓSKI 2002).

Esse fato, nos demonstra que a historicidade do uso das plantas atravessa mais de três milênios. O conhecimento de que muitas plantas são danosas ao organismo, sendo necessário saber reconhecer seus benefícios e toxidades é primordial para poder usá-las para consumo (BANÓSKI 2002).

De acordo com Federici (2010), na Europa durante a Idade Média e no início da Idade Moderna, mulheres e os homens tratavam as doenças com plantas medicinais. Este conhecimento empírico em relação as plantas e remédios curativos foi adquirido ao longo dos anos, sendo transmitido por diversas gerações (FEDERICI apud, GUEDES E CORBIN,2020, p.125). É notório como a medicina tradicional atravessa gerações desde os primórdios, com ensinamentos passados de diversos modos, como em placas de barro, pergaminhos e por meio da história oral que contribui na preservação dos valores culturais existentes.

No contexto do Brasil, antes da colonização os povos indígenas que aqui habitavam, repletos de diversidade cultural e étnica, através da relação harmoniosa com a natureza, já utilizavam as plantas medicinais para cuidado com os males do corpo. É essencial não esquecer que as relações dos indígenas com a natureza, era diferente daquela estabelecida pelo europeu, segundo os estudos de Banóski (2002).

Por mais que a medicina popular ocidental faça parte dessa junção da medicina popular atual, não podemos ignorar o fato de que a convivência dos povos indígenas com a floresta nasce de um fio condutor de respeito e cuidado, onde a terra se torna organismo vital de vida.

Lobô (2014) enfatiza como os povos europeus observavam a convivência de povos indígenas com a floresta:

> A princípio os europeus ficavam observando o cotidiano de determinadas sociedades indígenas, esse fato acabou despertando nos colonizadores grandes interesses porque eles viram que os índios nos seus rituais utilizavam diversos elementos da floresta que serviam como remédios para tratar suas doenças. (LOBÔ, 2014, p.19)

O indígena Ailton Krenak atenta a cerca de como essa relação com a terra se expande ao ponto de a terra ser vista como algo materno, que cuida dos seus filhos e que gera significado para suas existências,

> Neste encontro, estamos tentando abordar o impacto que nós, humanos, causamos neste organismo vivo que é a Terra, que em algumas culturas continua sendo reconhecida como nossa mãe e provedora em amplos sentidos, não só na dimensão da subsistência e na manutenção das nossas vidas, mas também na dimensão transcendente que dá sentido à nossa existência. (KRENAK,2019, p.22).

Assim como, os povos indígenas, a medicina popular é carregada de heranças africanas. Ao chegarem ao solo brasileiro, os povos africanos trouxeram vários conhecimentos, as plantas usadas na medicina popular, também eram usadas na religiosidade (FERREIRA, 2018). O conhecimento indígena com o conhecimento africano, complementou e potencializou os remédios aqui desenvolvidos. A esse respeito, Ferreira (2018) conclui que:

> A herança africana acerca da utilização de ervas medicinais acentua-se principalmente em regiões da Bahia, Minas Gerais e região Metropolitana do Rio de Janeiro, através dos terreiros de religião afro-brasileira. Nestes, os Babalorixás e Yalorixás, portadores de conhecimento etnomédico respeitável, prescrevem o uso das folhas, raízes, sementes e cascas para fins medicinais, banhos, ebós e outros propósitos ritualísticos. (FERREIRA, 2018, p.18-19)

Desta forma, segundo afirma Santos (2000), o saber ancestral presente na forma de tratar as plantas medicinais guardam elementos de diversas culturas, e trata de um processo de resistência de povo que viu na medicina tradicional uma forma de cuidado a saúde local e coletiva como pressupõe (SANTOS, 2000):

> As populações acostumadas a enfrentar com seus próprios recursos, enfermidades que as vezes desconheciam, criam novas técnicas de uso, descobrindo novas finalidades para as plantas que já conheciam, a partir dos dados recém-incluídos no seu dia-a-dia. Os saberes amazônicos, sistematizados em seus diversos matizes-indígenas e caboclos, seringueiros, madeireiros, pescadores, colonos, garimpeiros, balateiros, regatões e etc-, consolidaram-se em suas práticas, destacando o uso de ‘’ remédios do mato’’ como um dos seus traços culturais mais marcantes (SANTOS, 2000.p.8).

Portanto, os saberes consolidam um contexto de trocas culturais abrangentes e diversificados entre as populações amazônica. Logo, a condição da tradição emerge a partir de saberes oriundos de culturas diferentes, as trocas culturais impostas pelo processo de colonização não alterou a maneira como as pessoas utilizavam as plantas medicinais. Ela intensificou, pois os povos africanos trazidos para região de maneira forçada, entraram em contato com povos indígenas e nesse percurso os conhecimentos a respeito das plantas medicinais se entrelaçaram e geraram um sincretismo a respeito da medicina popular (SANTOS, 2000).

1.3. MULHERES E A ARTE DA REINVENÇÃO HISTÓRICA

A Amazônia tem muitas histórias para contar, com personagens diversos, únicos e carregado de muitos saberes. Na lógica de tentar romper com o processo de invisibilidade feminino durante muitos processos históricos, busco dar visibilidade e voz as mulheres amazonidas, especialmente do município de Cametá-PA.

Tarefa difícil, confesso, mas que muito me intriga e me empolga, Sharpe, no texto, "História vista de baixo" (1992), menciona que por um longo tempo a história apenas valorizava os "grandes feitos" e se direcionava para uma "história da elite". No entanto, alguns historiadores, como, Thompson, começaram a trabalhar com esse conceito de "história vista de baixo", com grupos que vivem à margem da sociedade.

Isso, a partir de uma releitura dos documentos históricos visto por uma outra ótica se torna relevante para enfatizar questões que ressaltam as memorias e a cultura dos "excluídos da história", ir mais afundo a respeito das experiencias históricas de indivíduos, cuja a existência é pouco mencionada ou invisibilizada (SHARPE 1992), por isso a importância de estudar sobre essas mulheres e suas contribuições e feitos.

A história positivista sempre foi um entrave nos temas femininos, para Perrot (2017):

> Muitas vezes observou-se que a história das classes populares era difícil de ser feita a partir de arquivos provenientes do olhar dos senhores – prefeitos, magistrados, padres, policiais... Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte. Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem. Militante, ela tem dificuldade em se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes. A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui

> um tremendo meio de ocultamento. Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês? (PERROT, 2017, p.171).

Perrot (2017), trata da dificuldade de achar as histórias femininas e populares em documentações. Podemos notar que, em sociedades principalmente as ocidentais, existe o predomínio de uma história de dominação masculina, os próprios homens que escreviam a história e a história de mulheres acabava se tornando secundária e seus feitos como sujeitas históricas acabavam sendo deixados de lado em prol de uma história factual patriarcal.

Ao longo do tempo o surgimento da história oral se fez necessário não somente como uma ferramenta dentro do estudo da ciência história, mas como uma nova forma de abordar histórias de vidas justamente dessas pessoas (falando aqui especificamente de mulheres) que passaram por esse processo de ocultamento, mas que tanto contribuíram como sujeitas históricas, a história oral proporciona o contanto com essas vivencias e memórias.

De acordo com Pinto (2012), a história de mulheres nos quilombos da região tocantina vem evidenciar figuras emblemáticas como: Felipa Maria Aranha, liderança feminina do quilombo Mola ou Itapocu; e Maria Luiza Piriá e tantas outras mulheres amazonidas que resistem e elaboram suas próprias histórias em seus povoados e transpassam todo e qualquer processo de ocultamento (PINTO, 2012):

> As mulheres aqui se forjam personagens de suas próprias histórias. Ultrapassam as barreiras ideológicas do silêncio da historiografia para provarem que são, igualmente, portadoras de poderes diante dos homens. Poderes nos mais diversificados âmbitos sociais, cuja simbologia procuro explicitar através deste estudo de relações de gênero (PINTO, 2010, p.4)

Sem dúvidas, as mulheres amazônidas sempre se forjaram personagens de suas histórias, carregando consigo todo um saber ancestral de um povo que sobreviveu não só a um processo de apagamento histórico, mas também um povo que resistiu para que suas raízes culturais permanecessem vivas, lutado e resistindo pelos seus filhos, filhas, netos e netas, se reinventando a cada dia, desempenhado o papel que for necessário para sobreviver.

Se torna válido ressaltar, que quando falamos de gênero ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. Ao falarmos de mulheres amazônidas, discutir sobre gênero e relações de poder de forma generalizada se torna algo muito vago, é necessário fazer o recorte que consiga dar conta do contexto sociocultural e biodiverso da Amazônia. De acordo Freire (2008), alguns pontos são essenciais para compreendermos essas relações de gênero dentro do território amazônico:

> A construção do termo gênero como categoria de análise contribuiu muito para esses primeiros estudos, contudo, ainda é um termo não concluído. Importante considerar os alcances realizados em estudos sobre mulheres e homens a partir desse conceito, mas do mesmo modo é preciso considerar seus limites. Nesse sentido, a perspectiva de gênero aplicada ao contexto da realidade amazônica precisa ser analisada de forma crítica, não perdendo de vista os estereótipos imbricados pelo olhar exótico em que se naturaliza a cultura amazônica. (FREIRE, 2008, p.1).

Podemos notar que, para o contexto amazônico há mulheres que necessitam de demandas especificas, não só por estarem em um contexto geográfico diferente, como também por exercerem atividades e realidades de vidas especificas e uma diversidade etnocultural abrangente.

Freire (2008), infere em seus escritos sobre os papeis sociais empregados a homens e mulheres no domínio do saber tradicional de plantas medicinais, um deles é que as mulheres desenvolvem mais funções sociais que os homens (FREIRE, 2008):

> As mulheres detentoras desse conhecimento agregam mais "funções" sociais que os homens. Elas, na medida em que conhecem de plantas medicinais, geralmente são rezadeiras e parteiras; já os homens não são parteiros, mais por uma questão que relaciona de modo "intrínseco" sexo, costumes e moral que coletivamente vê nisto como algo natural que seja desse jeito; pois, o que não ocorre no parto em hospital, onde existem médicas e médicos. (FREIRE, 2008, p.3).

Tais mulheres, que aprenderam com suas antepassadas, mães, avós, sogras, tias, muitas vezes por necessidade, como a de auxiliar alguma mulher de sua comunidade que estava com dor para ter o neném e não havia hospital próximo. Essas mulheres elaboram as mais diversificadas funções, afazeres no material ou espiritual sendo: parteiras, rezadeiras e médicas da mata, ajudam a curar os males que afligem membros de sua comunidade.

Sobre a multiplicidade de tarefas desenvolvidas por mulheres na Amazônia. Pinto (2004), afirma que,

> Quando não domina determinada tarefa, desempenha outra. Um exemplo disso está quando algumas mulheres não sabendo utilizar a arma de fogo - a espingarda a- para caçar, improvisam o mundé como armadilha para pegar caça, ou então iam para o igarapé pescar ou ainda ''gapuiar''. (PINTO, 2004, p.164).

Nesse sentido, notamos que as mulheres conseguem desempenhar o improviso de incontáveis papeis dentro de suas casas e seus povoados, atuando como chefas de famílias. A luta pela sobrevivência se torna sua principal arma, onde notoriamente as histórias dessas mulheres se faz necessária para entendemos um universo de entrelaçamento cultural e de resistências no desenrolar de suas vidas.

1.4.MULHERES COMO GUARDIÃS DE MEMORIAS: A RELAÇÃO DA MATA EM PÉ COM A VIDA

> [...] Já estou preocupado,
> Olhando o passado analisando o futuro.
> Vejo que a natureza,
> Fonte de beleza, de um ar que é puro.
> Está sendo atacada,
> por grandes queimadas, projetos barragens.
> É triste a natureza,
> Perder a beleza de suas paisagens. [...][7]

A perda da floresta tem transformado a vida das pessoas que ali vivem, trazendo problemas como: desmatamento, queimadas, mudanças climáticas, extinção de espécie animais e vegetais. As pessoas mais atingidas são as que tem uma relação mais próxima com a natureza.

As mulheres em sua maioria são responsáveis pela alimentação e cuidado com a saúde das famílias e, são as mais afetadas com a perda da floresta. No canto (cuja letra é utilizada na epígrafe acima) de Limoeiro do Ajuru, intitulado, "Brega ecológico", faz denuncia dos grandes projetos econômicos, que não se preocupam com a forma de como são retirados os recursos naturais das matas. Projetos que mudam o ecossistema e transformam muitas vezes vidas de comunidades inteiras por conta de um sistema capitalista que está mais preocupado com o lucro.

Essas mulheres utilizam da memória como uma ferramenta de resistência a todo um processo desenvolvimentista que explora de forma desenfreada os recursos naturais, sem considerar os saberes e vivencias das populações que possuem relação direta com a mata.

Dessa forma, os embates políticos traçados a partir do final do século XX, pela defesa das florestas e rios, se torna indispensável a partir do momento que ele vem de encontro com modelo econômico exploratório. Nesse sentido, ter uma relação harmônica com a natureza significa para essas mulheres o bem-estar delas e de todos em seu meio (MING, 1997).

A relação do feminino com a terra se dá em uma conexão de cuidado, essa parte maternal em que a terra só está bem quando seus filhos e filhas estão bem, notamos também durante o período pré-colonial na África. Período esse que se retirou de forma extremamente

[7] Fonte: SHANLEY, Patricia; SERRA, Murilo; MEDINA, Gabriel. Frutíferas e Plantas úteis na vida Amazônica. 2ª ed. ver. ampl. Bogor, ID: Cifor, 2010.

violenta muitos povos do continente e gerou inúmeras mortes e violências, muitos povos africanos afirmam e enxergam a África como mãe que espera e cuida de seus filhos e isso se se tornou um grito acalentador (SANTOS 2005).

Segundo Santos (2005), o continente africano se tornou essa figura materna e a relação dessa terra com o bem-estar, pois,

> A exaltação e a invocação da Mãe-África foi um canto comum cantado em coro pelos poetas angolanos a partir do Movimento Vamos Descobrir Angola, surgido em 1948 em Luanda. Essa Mãe era, ao mesmo tempo, mulher e terra, configurada nos mesmos padrões das Grandes Mães neolíticas, deusas da fertilidade e da fecundidade, e representava, no contexto angolano (e africano), a mãe negra biológica, a nação angolana e o continente africano, numa perspectiva pan-africanista que concebia a África como a progenitora da raça negra e também a terra prometida de um povo em diáspora (SANTOS, 2005, p.1)

Para Santos (2005), a terra se conecta com o feminino e como essa relação de pertencimento e cuidado se expande em diversos âmbitos. Nesse sentido, falar de como a figura feminina se interliga com a terra é falar de uma relação de vínculo genuíno. Mulheres, em foco as amazônidas, tem um papel central e norteador com o saber popular e como guardiãs de memórias.

A relação das mulheres diante das várias funções que elas desempenham em seu cotidiano, culmina com os saberes transmitidos por seus antepassados. O aprendizado dessas mulheres se constrói em conjunto com seu crescimento físico e espiritual. Mulheres sábias que aprendem com a natureza, lições que praticam com a manipulação de infusões, ungüento, e beberagem de folhas, cascas e raízes de pau para curar os males de corpo. Dessas lutas, elas se constituem Mulher e também reforçam sua ligação com a natureza, a partir do momento que dela retiram vida, saúde e alimentação (PINTO 2012).

Segundo as análises de Pinto (2010), a presença dessas mulheres se torna imprescindível dentro de seus povoados, uma vez que elas são as principais figuras que atuam como "médicas da terra'' que possuem saberes capazes de cuidar das enfermidades (PINTO, 2010):

> Ainda hoje, a presença dessas mulheres nos povoados rurais é indispensável. Entre os seus, são vistas como médicas, enfermeiras, farmacêuticas, capazes de fazer e aliviar, com ungüentos, banhos chá de ervas e rezas, as dores e os males da população que não conta com recurso (PINTO, 2010, p. 105).

Existe muitas populações que não tem acesso rápido a hospitais por questões geográficas e nem meios para chegar em locais como postos de saúde para tratar de suas doenças. Assim sendo, o saber medicinal popular exercido por essas mulheres através de

suas memórias é o principal pilar de uma comunidade para manter o bem-estar da coletividade.

Michel Polak ao analisar as memórias dos grupos marginalizados, evidencia a história oral que abriu espaço para a importância das memórias subterrâneas, que se integram as culturas minoritárias e vai contra o que ele chama de "memória oficial" ou "memória nacional" (POLLAK, 1989, p.4)

Sendo assim, quando tratamos das memórias de mulheres e a medicina popular, falamos de um universo de entrelaçamentos, entre o saber ancestral e experiências de vida e suas relações com a natureza, a ligação com os rios, com as plantas e os seres que moram na mata, tornam essas histórias muito mais fascinante e diversas.

A esse respeito, Krenak (2019), alerta sobre os projetos existentes de transformação da terra por uma perspectiva progressista, positivista e industrializada, voltada para produção de grandes centros urbanos e, como isso acaba desvinculando a humanidade da terra. Os povos que ainda seguem ligados de maneira orgânica a terra são os que possuem relação direta com ela, ou seja:

> Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade (KRENAK, 2019, p.11).

Diante disso, a relação orgânica desses povos com a natureza é algo que incomoda os modos progressistas capitalistas, uma vez que os filhos e filhas dessa terra não a compreendem como uma fonte de exploração desenfreada, mas sim, mantém uma relação em que a natureza em pé se torna indispensável para sua existência e a de seu povoado. O modelo industrial civilizatório que nos desprende dessa conexão com a natureza, anula modos de vida, nega a presença costumes e desconhece as pluralidades linguísticas (KRENAK, 2019, p.12).

Se preocupar com o coletivo pela perspectiva ecológica é uma herança carregada por essas comunidades, no sentido de saber conviver com o que a natureza oferece de maneira consciente e indispensável para vida.

Portanto, a história atravessada pelos saberes construídos no cotidiano das mulheres tem validade no sentido de dar voz e vida as dificuldades enfrentadas, seja elas no contexto social ou no espaço político de subalternização que a sociedade machista tenta impor.

Romper com esses paradigmas têm sido a luta constante das mulheres, reinventar-se e ressignificar os saberes aprendidos são formas de resistência. O contato com a natureza, retirando dela alimentação, remédios, vestuários, religiosidade e lazer mostram como o conceito de vida e de desenvolvimento que elas defendem, está longe do sustentado pela sociedade atual.

CAPÍTULO II

PLANTAS MEDICINAIS, AUTONOMIA, COLETIVIDADE E SUSTENTABILIDADE FEMININA

Diante dos estudos abordados no presente trabalho sobre as plantas medicinais e o saber tradicional que emerge a partir do auxílio da História Oral, das memórias, dos diálogos, e do aprendizado do "fazer junto" com os mais velhos. O papel da mulher nesse processo é dinâmico e constante, haja vista, que o auxílio das atividades domésticas, seja em seu lar ou fora dele, oportuniza o contato no ato de plantar as ervas, coletar ou até mesmo na preparação dos remédios.

O trabalho coletivo é realizado em oficinais nas comunidades e nos contatos com pessoas enfermas, quando tentam curar os males do corpo com chás, banhos, infusões ou garrafadas, entre outros. Nos dos grupos de mulheres que buscam disseminar o conhecimento popular no uso das plantas medicinais para mais pessoas. Onde proporcionam que os conhecimentos culturais e medicinais, vindos da terra e da floresta alcance cada vez mais pessoas, resultando em autonomia e sustentabilidade para aquelas que se identificam, e se dedicam na manipulação das plantas.

As mulheres foram invisibilizadas no processo histórico-social, por uma historiografia eurocentrica que visava só "os grandes feitos" e que reforça formação de uma imagem do homem como provedor do lar. Dessa forma, as atividades que as mulheres desempenhavam que geravam renda ou eram inferiorizadas ou não eram mencionadas.

As análises feitas a partir de PINTO (2004; 2010; 2012); PERROT (2017); PORTELI (2016), possibilita inferir que esses 'silêncios' historiográficos são rompidos quando nos possibilitamos escutar as histórias e memórias dessas mulheres, as suas estratégias de vida e a relação que elas estabelecem com a natureza e as plantas medicinais, o que possibilita a geração de renda com a vendas dos produtos que elas preparam.

Logo, elas conseguem adquirir produtos para a subsistência de suas famílias ou até mesmo iniciar um pequeno negócio. A relação feminina com a natureza tem gerado sustentabilidade as mulheres, que se expressam em formas de reagir e resistir, utilizando seus saberes frente aos problemas sociais enfrentados em seu dia a dia.

2.1 MULHERES E REMÉDIOS NATURAIS COMO FONTE DE AUTONOMIA E RENDA

O processo de autonomia das mulheres vem de um longo histórico de ocultamento, não pelo fato delas não forjarem suas histórias e lutas, e sim, por estarem inseridas num contexto histórico social que pouco valorizava essas formas de sobrevivência.

Por outro lado, com o advento da História Oral e suas ferramentas, os estudos recentes têm sido possíveis romper com a lógica ocidental patriarcal, na qual histórias de mulheres exercendo espaços de liderança e construindo seu cotidiano através de diversas formas de sobrevivência são apagadas, pelo contrário, a partir de então estão ganhando visibilidade. Nesse sentido, Perrot (2017) infere que:

> a pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua "cultura" e a existência dos seus poderes (PERROT, 2017, p.155).

Dessa maneira, é notório perceber que ao longo da vida de diversas mulheres que escreviam e reescreviam suas histórias. Nesses processos de silêncios, ressoam os ecos e histórias de mulheres que constroem e reconstrói seus caminhos, resistindo e se reinventando para manutenção da sua vida e do seus em seu cotidiano, os embates e as façanhas que essas mulheres elaboram para suprir as necessidades básicas.

Nesse sentido, historiadoras como Pinto (2012), em seus estudos, ressaltam sobre os papeis centrais e norteadores que essas mulheres detêm, especialmente nos povoados quilombolas na região Tocantina, no Pará. A esse respeito:

> O "poder" e o saber feminino, assim como, a sua luta pela sobrevivência, no Tocantins, são marcas visíveis delegadas por antigas quilombolas (suas ancestrais), as quais, através da reconstituição de suas memórias e de suas histórias fixaram normas de trabalhos não estabelecidas pelo sistema patriarcal (PINTO, 2012, p. 7)

Mulheres amazônidas e ribeirinhas possuem vivências múltiplas diante do contexto sociocultural que estão inseridas. Pois, no dizer de Santos (2000), a cultura popular emerge, então, engajada à realidade sociocultural brasileira. No entanto, as singularidades são

determinadas pelas histórias locais e, pelas formas com que as pessoas se integram ao modelo econômico vigente e às variações de ambientes. Nesse sentido, o processo de reinvenção está sempre atrelado as formas de vida que elas vivenciam em cada espaço de atuação no cotidiano.

Dessa forma, as experiencias com o uso de plantas medicinais vem ao encontro de uma das suas formas, de subsistência. O saber repassado através das memórias é sujeito atuante para a autonomia dessas mulheres.

Em relação ao saber repassado de forma oral, nas memórias e vivências de nossos antepassados, para o desenvolvimento desse estudo, foi realizado entrevistas com mulheres que possuem destaque no município de Cametá/PA, e em toda a região do Tocantins, em relação ao trabalho desenvolvido com a manipulação de plantas medicinais.

> Entende-se por planta medicinal qualquer vegetal produtor de drogas ou de substâncias bioativas, utilizadas direta ou indiretamente como medicamento. Os componentes químicos (ou grupos destes) que constituem os princípios bioativos das drogas não são meros subprodutos do metabolismo secundário das plantas que os produzem. Na verdade, representam propostas químicas dos seus medicamentos de interação com o meio ambiente (BRAGANÇA, 1996, p. 16).

Nas entrevista e em conversas de caráter informal, buscou-se saber como essas mulheres adquiriram esse saber, de que forma ele está presente em suas memórias. Iniciamos esse diálogo com dona Nazaré Baía de 64 anos, moradora do bairro da baixa verde, em Cametá, que atualmente trabalha com uso de plantas medicinais, como banhos, garrafadas e pomadas. Esta relata como obteve esse saber:

> "minha experiência vem com trabalho desde que tenho 7 anos de idade, eu não sei ler e nem escrever, tudo que eu sei é através das plantas e da natureza, meu pai disse que antes dele morrer ele deixava essa experiencia comigo e foi assim que aconteceu, eu sei fazer banho, puxar, fazer garrafada, sei fazer tudo graças a Deus, só com a minha inteligência que eu pude ter e consigo conviver com essa praticas desde sempre'' (Nazaré Baía Pompeu, 64 anos, Cametá-PA, entrevista realizada em 12/01/2023).

Dessa maneira, podemos observar nessa narrativa, que a dona Nazaré, através do saber repassado pelo seu pai, conseguiu estabelecer práticas de autonomia e sobrevivência com a manipulação de remédios naturais, fabricados a partir das plantas e ervas medicinais. Embora afirme que não tenha escolaridade de escolaridade, essa mulher exerce esse saber com amor, maestria e propriedade de deter conhecimentos que lhe é peculiar. Sendo assim. o conhecimento de plantas, as cascas, folhas, raízes, óleos sementes e seivas medicinais, transformou seu cotidiano propiciando geração de renda.

Vemos, portanto, que a prática dessa atividade tem gerado um retorno financeiro para a entrevistada, principalmente para auxiliar no sustento de sua família. A procura pelos remédios manipulados por dona Nazaré é constante, às vezes, pessoas de outras cidades encomendam suas garrafas, banhos ou pomadas para tratar de seus males. A imagem 4, retrata um pouco do cotidiano de dona Nazaré:

Imagem 4 – Dona Nazaré em entrevista.

Fonte: Arquivos da pesquisa, GAIA (2023).

Nesta imagem, se observa um cômodo da casa de dona Nazaré, a cozinha, onde ela recebe as pessoas para conversar, atender sua clientela e preparar seus remédios. É uma cozinha simples, mas cheia de afetos, de vida, de alegria, de uma mulher que tem prazer naquilo que faz. Sentada no seu banco de madeira, ela conversa muito bem a respeito da importância de cada planta, erva, no bem-estar que proporcionam no corpo, dependendo da enfermidade enfrentada. Pois, dependendo dos tipos de enfermidades, podem ser caracterizadas como doenças naturais e não-naturais, conforme ressalta Pinto (2010):

> Nos povoados rurais da região do Tocantins, os ofícios de parteiras, curandeira ou "experiente", benzedeiras e "concertadeira" ou "puxadeira" são expressos de maneira distinta. Dessa forma, parteira é mulher que se ocupa da função de fazer partos, "de ajudar a nascer"; a benzedeira é aquela pessoa que reza através de reza

> e oração, atreladas a uma gama de gestos, cura os males considerados mais leves, como susto, dor de cabeça, quebranto, mal olhado. Já o termo curandeira ou "experiente" é designativo da mulher que invocando ou controlando espíritos e encantarias, cura tanto males de ordem natural, como os de ordem espiritual ou sobrenatural como encantamentos, encostos e feitiços (PINTO, *et. al.*, 2010, p.32).

Nestas condições, são múltiplas as histórias e formas de aprendizagem relacionadas ao saber dessas mulheres para reconhecer e manipular diferentes formas e partes de plantas e ervas medicinais para tratar diversos tipos de enfermidades. Como ocorre com a entrevistada Benedita Silva de Andrade, de 65 anos, mais conhecida na região Tocantina por Lamparina, uma colaboradora deste trabalho, que também relata como adquiriu esse saber, ao contar que apesar de já possuir domínios e práticas de manipulação com plantas medicinais pela vivencia e observação no meio da sua família, porém, foi intensificado na vida dela como “um chamado”:

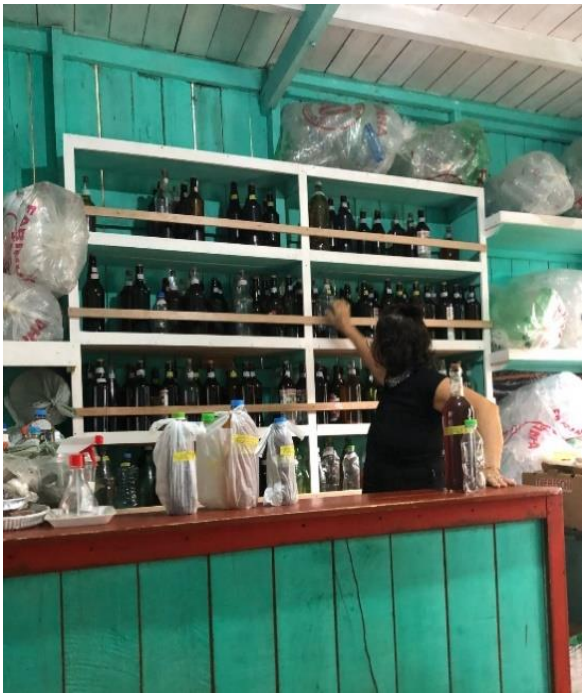
> a minha vó benzia, ela puxava, ela era parteira, a mãe do meu pai, mas foi só quando eu apanhei uma enfermidade muito grave e com uma forma de milagre eu melhorei que prometi que ia fazer o que Deus me guiasse pra fazer, dois meses depois fui embora pro Paruru[8] e Dom José Elias Chaves mandou uma carta pra nossa comunidade pedindo pra uma pessoa disponível, pra fazer o curso de plantas medicinais e uma senhora da comunidade falou meu nome, quando a comunidade mostrou a carta eu lembrei da promessa que eu fiz e eu me comprometi, tomei como se fosse um chamado (Benedita Silva de Andrade, 65 anos, Limoeiro- PA, Entrevista realizada em 01/02/2023).

É possível perceber na narrativa de Dona Lamparina, que apesar da sua avó já fazer uso de práticas com plantas medicinais, o dom para trabalhar com o manuseio delas, surgiu mesmo quando ela enfrentou uma enfermidade grave, seguida do convite que recebeu para realizar um curso a respeito do uso de plantas medicinais, levando-a a refletir sobre a promessa que ela fez, de que a partir daquele momento passaria a trabalhar com a prática das plantas medicinais.

Dona Lamparina é tão comprometida com o que faz a ponto de ter separado em sua casa um espaço para o trabalho com os remédios feitos de plantas e ervas com poderes terapêuticos. Nesse espaço ela recebe as pessoas que vem até ela contar suas enfermidades, conforme é retrato na imagem 5 a seguir:

[8]Ilha localizada no município de Cametá-Pa

Imagem 5 – Benedita Silva e sua farmácia popular.



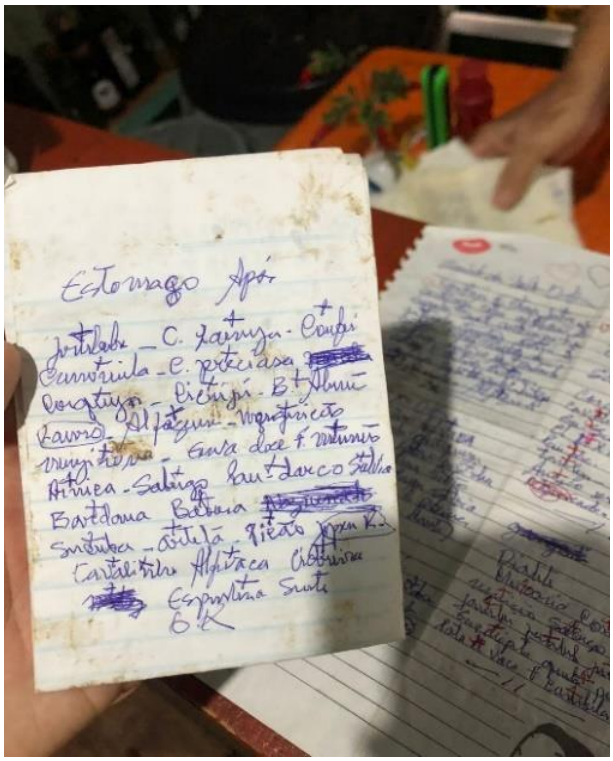
Fonte: Arquivos da pesquisa, GAIA (2023).

A partir dessa imagem, se observa que nesse ambiente é possível encontrar remédios naturais como xaropes, garrafadas, pomadas, entre outros medicamentos, produzidos através da manipulação de folhas, cascas de pau, raízes, sementes e óleos, realizada pela Dona Lamparina, e que depois são expostos na sua farmácia popular com a finalidade de serem vendidos às pessoas das diversas localidades da região, que a procuram para se consultar e comprar esses remédios para tratar das suas enfermidades.

Neste sentido, conforme afirma Pinto (2010), as diferentes partes das plantas, como: folhas, raízes, sementes são manipulados por meio de chás, xaropes, pomadas, óleos e sucos. Sendo assim, plantas e ervas com poderes medicinais se fazem presente nos diversos territórios amazônicos, fazendo parte das diversas práticas ancestrais de cura, que são desenvolvidas por mulheres e homens (PINTO, 2010). Esses saberes foram, e são, transmitidos pela tradição oral, a partir dos mais velhos, que carregam consigo os conhecimentos dos produtos extraídos da floresta, que exercem um papel de fundamental importância na vida daqueles que os procuram para cuidar dos males do corpo.

Da mesma forma, também é possível encontrar receitas escritas a mão (apresentada na imagem 6) por dona Benedita, que sempre faz questão de reforçar, que é preciso muito cuidado e cautela na feitura dos remédios.

Imagem 6 – Receita para curar dor no estômago escrita a mão por Benedita Silva (Lamparina)



Fonte: Arquivos da pesquisa, GAIA (2023).

Nesta imagem 6, se observa a escrita de inúmeras receitas, em cadernos de anotações, escritas à mão por dona Benedita. Assim como é notório os tipos de plantas utilizadas na composição de alguns desses remédios, que são receitados para o tratamento, como por exemplo, para dor de estômago.

Dona Benedita utilizada cadernos para anotar as receitas e também as entradas e saídas de sua farmácia, além dos contatos das pessoas que a procuram. Da mesma forma, também anota as receitas que intercambia, partilha com as outras mulheres que exercem o mesmo oficio. Em relação a formação para as técnicas de manipulação das plantas, dona Benedita narra como se deu:

> só que a minha formação filha, foi feita na área de assessoria sobre plantas medicinais, o curso era a prelazia que custeava tudo, as viagens para as comunidades e municípios, só que depois com um tempo eu via necessidade de mudar de área, porque eu via a doença e eu te ensinava a fazer o remédio, só que tu não eras muito preparado pra fazer a composição daí veio a ideia de eu abri essa farmácia e preparar os remédios naturais (Benedita Silva de Andrade, 65 anos, Limoeiro-PA. Entrevista realizada no dia 01/02/2023).

A partir dessa fala, se observa que dona Benedita conta que a princípio, tinha como função repassar seus conhecimentos sobre as plantas medicinais, através da oferta de cursos custeados pela Prelazia de Cametá. Esses cursos que ministrava eram realizados nas comunidades ribeirinhas e rurais de Cametá e de outros municípios da Amazônia Tocantina. Mas, com o passar do tempo, vendo que os habitantes dessas comunidades a procuravam para que ela as ensinassem como fazer os remédios para curar suas enfermidades, ela afirma que sentiu a necessidade de não somente ensinar, mas também de abrir uma farmácia popular e produzir seus próprios remédios naturais, com a finalidade de deixá-los a disposição das pessoas que a procuram.

As falas das mulheres entrevistadas, que colaboram com este estudo, deixam evidentes que os recursos utilizados no cuidado da saúde das pessoas, que residem nesses recantos da região Amazônia, são encontrados nas florestas, nas margens dos rios e igarapés, ou são cultivadas nos quintais, pelos arredores das residências, geralmente em vasos, pandeiros, que ficam suspensos em jiraus feitos de madeira, transformando-se em farmácia viva, onde se recorre quando há necessidade, para tratar algum tipo de enfermidade, para cuidar da saúde e evitar o processo de adoecimento.

A narrativa de outra colaboradora deste estudo, Dona Maria da Glória, de 69 anos, cametaense, parteira, líder sindical, atuante na luta das mulheres, traz memórias e histórias dos seus antepassados em relação aos conhecimentos e saberes a respeito do uso de plantas medicinais, que vem sendo repassados através das práticas, experiencias e observação de uma geração para outra no seu grupo familiar:

> eu adquiri o conhecimento a respeito das plantas medicinais vendo o que a minha mãe, fazia e o que a minha mãe já fazia, ela aprendeu com os antepassados dela, com a mãe, com avó, com o pai, minha mãe era extrativista de óleo de andiroba[9], óleo de ucuuba[10], de produtos naturais e eu indagava muito sobre o que ela fazia e ela dizia que ela não aprendeu muito em nenhuma escola, mas aprendeu com os pais dela e com os avós dela o conhecimento tradicional que veio de geração e ela se dedicou a aprender e nos ensinar, sempre que a minha mãe tava fazendo alguma coisa, plantando ou extraindo óleos a gente desde muito novo fazia junto com ela e eu guardo até hoje a memória e o saber que ela nos repassou" (Maria da Glória Rodrigues Gaia 69 anos, Cametá-PA. Entrevista realizada em 09/02/2023).

[9] O óleo de andiroba possui uma cor amarela e é extremamente amargo, normalmente utilizado para baques, inchaços, reumatismo, cicatrizações e recuperação da pele. Ele tem propriedades anti-inflamatórias, cicatrizantes e inseticidas.

[10] O óleo de ucuuba é muito utilizado na região para fabricação de velas, a fruta da ucuuba tem valor medicinal no tratamento de doenças como reumatismo e câimbras.

Partindo dessa narrativa é possível se observar, que a curiosidade, conforme é ressaltado na sua fala, foi o fator principal para o aprendizado de dona Glória. A dedicação para aprender a usar as plantas e as ervas medicinais, vendo e experimentando o que as pessoas mais velhas faziam nas comunidade, nos mostra a importância da observação e o de fazer junto, agregando valores culturais e sociais a esses atos.

Imagem 7 – Dona Glória na prepração dos remédios.

Fonte: GAIA, 2023 – Arquivos da pesquisa.

Imagem 8 – Preparação de pomada para uso na puxação das pessoas.

Fonte: GAIA, 2023 – Arquivos da pesquisa.

As Imagens 7 e 8 retratam como dona Glória prepara os remédios para curar as enfermidades das pessoas que a procuram. Esses remédios são imbuídos de todo conhecimento tradicional, agregado as vivências que dona Glória possui intercruzados da sua religiosidade e energizados pelos conhecimentos e saberes dos seus antepassados.

Diante das falas das mulheres entrevistadas, relacionadas aos estudos de Portelli (2016, p.12), vemos que a história oral, não diz respeito apenas ao evento, e sim ao significado do evento na vida dos narradores. Para Maria da Glória, todo saber repassado por seus antepassados são memórias de um passado relembrado através principalmente das práticas tradicionais do uso de plantas medicinais em seu cotidiano.

Sendo assim, é visível que esse entrelaçamento de memórias carregue consigo simbologias e dentro dessas simbologias se preserva o saber tradicional, os conhecimentos e saberes da sua gente, que podem ser repassados de diversas maneiras. Nesse processo de estudar esses saberes, é importante notarmos o valor deles na vida das pessoas, essas mulheres guardam e repassam histórias de vidas, saberes e memórias de forma muito coletiva, afetiva e expansiva. Desta forma, conforme afirma Portelli (2016),

> A história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados (PORTELI, 2016, p.18).

Neste sentido, as narrativas e histórias de vida dessas mulheres vêm corroborar com relação intima que elas estabelecem com a natureza, e com os usos que dela fazem. E, como esse processo imbuído de memórias, histórias, práticas, experiencias e saberes vão repassando oralmente de geração para outra. A ressignificação desses saberes ocorre no cotidiano, de acordo com a vivência de cada uma, e dependendo do espaço onde cada uma vive e convive. Assim sendo, a formalidade desse processo nas relações pessoais resulta em vínculos de amizades e também em geração de renda para essas mulheres, que antes realizavam somente atividades domésticas.

2.2 AS MÉDICAS DA TERRA E O VÍNCULO COM AS SUAS COMUNIDADES

Em seus estudos, Santos (2000) utiliza-se do termo “tradições inventadas” para se referir aos saberes do uso de plantas medicinais. Olhando por uma ótica de que esses saberes foram sincretizados e reinventados ao longo dos anos, considerando que existe um entrelaçamento de diversas culturas que incorporam esses métodos, o processo de reinvenção desses conhecimentos estabelece uma relação concreta de continuidade no cotidiano, tendo em vista que esses saberes não permanecem engessados ao longo do tempo (SANTOS, 2000).

Nesse sentido, é importante evidenciar que os saberes e métodos que essas mulheres se utilizam é carregado de pluralidades e reinvenções, como uma árvore que possui suas

raízes, mas sempre gera frutos e na convivência com a comunidade esses frutos florescem, as trocas de saberes se torna imprescindível para continuidade desses métodos no dia a dia.

Do amor pelas plantas nasce o amor pela comunidade. Durante as atividades de pesquisa para este estudo, foi possível observar através das falas das mulheres que colaboram conosco, a relação do vínculo de compreensão, escuta paciente e amizade, que elas estabelecem com aqueles e aquelas que as procuram, dessa relação geram-se amizades, companheirismos e vivências.

Pinto (2004), já mencionava sobre essa relação da comunidade com as pessoas que atuavam como parteiras e benzedeiras. Segundo esta autora:

> Primeiro itinerário para o caminho que conduz algumas dessas mulheres a conquistarem respeito e confiança diante dos demais, como acontece com as parteiras e benzedeiras ou experientes que aglutinam ao seu redor a gratidão daqueles, os quais ajudou as nascer ou "vim ao mundo" ou aqueles ainda daqueles que com chá de alguma erva ou casca de pau medicinal curam-lhe o mal do corpo ou então mediante benzenção consegue aliviar o peso do espírito e afastar as forças do sobrenatural. Fatos esses que acabaram delegando a essas mulheres um certo misto de saber e pode (PINTO, 2004, p.79)

De acordo com Pinto, a conquista do respeito e confiança das pessoas da comunidade é fruto das práticas que essas mulheres desenvolvem no seu cotidiano, de cuidar, tratar das pessoas. A importância que essas mulheres assumem, muitas vezes as levam a posição de liderança em suas comunidades, onde realizam um trabalho voltado para o cuidado pessoal consigo e com os outros.

Dessa forma, as experiencias cotidianas e o saber atrelado a essas mulheres provoca na comunidade ou nas pessoas ao seu redor o reconhecimento e a gratidão por algum bem alcançado. Vejamos a fala de Dona Maria da Glória, sobre sua relação com as comunidades:

> A minha relação com a comunidade é uma relação de muito amor, muito carinho, as vezes eu fico em uma comunidade um dia ou dois e quando eu venho pessoas ficam se lamentando, ficam me abraçando e pedem pra eu voltar mais vezes ou ficar mais dias, então, eu adquiri o conhecimento e adquiri uma força espiritual de Deus. Eu falo muito e aprendi a falar muito por causa da minha convivência com a comunidade ser muito forte e eu acredito assim que tem muita valia pra mim, então é muito gostosa essa convivência e por isso que eu não posso fazer nada escondido que eu to passando e já tão gritando meu nome (Maria da Glória Rodrigues Gaia, 69 anos, Cametá-PA. Entrevista realizada em 09/02/2023).

Podemos perceber que essa relação é regada de muito carinho e amor pelo que faz. Uma relação de troca, troca de saberes, conhecimentos, muito aprendizado. A convivência comunitária a faz mais forte, a transforma. A energia positiva carregada pelas folhas, ervas,

cascas, frutas usadas para tratar os doentes é repassada nas visitas de casa em casa, nas conversas, no cafezinho no final da tarde.

O elo dessas mulheres, seus saberes e práticas na comunidade possuí um grande valor. Esse valor está atrelado ao bem-estar, por exemplo, na cura de uma dor de estômago, na melhora de uma tosse, nos cuidados com útero, no resgate e valorização de saberes medicinais tradicionais.

É importante para entender o vínculo que essas mulheres têm com sua clientela que é construído de forma humanizada e coletiva:

> "trabalhar com a comunidade, trabalhar com esses métodos conhecendo a farmácia viva, os remédios naturais e os efeitos dos remédios naturais é trabalhar com espirito muito positivo e que as vezes vai encontrar uma pessoa que ta muito abalado e que sofre muito, ele sofre tanta dor que o espirito dele já ta desgastado e é muito bom as vezes a gente contribuir e saber que tu faz alguma coisa pro teu próximo que ele volta e diz: "olha, muito obrigado eu melhorei muito, eu voltei pra te agradecer e eu quero que tu faça pra essa outra pessoa que ta ainda pior que eu", constantemente isso acontece, as pessoas voltam com outras pessoas e nisso a gente vai adquirindo conhecimento e amizade que nunca acaba" (Maria da Glória Rodrigues Gaia, 69 anos, Cametá-PA. Entrevista realizada em 09/02/2023).

Para dona Glória, às formas de cura com o uso das ervas medicinais, não tem apenas um sentido comercial, ao vender suas garrafadas, ou de caridade, ao distribuir para amigos e familiares na comunidade. O encandeamento dado de passar a informação de boca em boca, de ampliar essa rede de atendimento que se transforma numa teia de amizades, cumplicidade e união.

Desse modo, cria-se um espaço afetivo de cumplicidade e solidariedade entre essas mulheres e suas clientelas, uma relação de troca mútua, que segundo Dona Glória, enriquece o espírito e alimenta a vida e fornece força para a continuação de um saber tão fraterno e coletivo, no qual vê o outro bem, torna-se uma sensação satisfatória e de bem estar próprio. Segundo afirma,

> amizade que a gente tem com o ser natural é uma amizade que não tem limite, aprender a fazer as coisas da natureza e reconhecer o valor que a natureza tem, não tem limites, não tem dinheiro que pague, não tem limite que faça a gente se conformar de que até aqui ta bom, a gente que fazer mais, porque se a gente faz mais a gente vai ajudar mais pessoas e ai o coração da gente vai ficando grande, eu tenho o coração muito grande eu tenho certeza, que são tantas pessoas, são tantos carinhos, vê aquela pessoa com a cara sentida de dor e depois vê ele com a cara alegre, isso pra quem trabalha com a farmácia viva, com os métodos naturais, isso só faz a enriquecer e vai curando a gente por dentro, o saber da gente, a força natural e força espiritual baseada encima desse conhecimento expulsa as coisas ruins (Maria da Glória Rodrigues Gaia, 69 anos, Cametá-PA. Entrevista realizada em 09/02/2023).

Vemos em suas palavras como o fazer o bem se transforma em lema de vida. Assim como, a natureza nos beneficia com coisas que vão nos ajudar a viver melhor, quem tem conhecimento sobre como a usá-la de forma adequada, também ajuda outras pessoas a ter uma vida melhor. O paralelo entre farmácia viva e vida nas falas de dona Glória, nos ajudam a compreender a satisfação de ver as pessoas saradas, curadas com os produtos que ela manipula.

Conforme vamos dialogando nesse texto, destacamos nas imagens abaixo alguns dos trabalhos desenvolvidos por dona Glória nas comunidades. A relação de parceria é presente, aliado a um trabalho de ensino-aprendizagem que visa desenvolver a cooperação entre os sujeitos.

Imagem 9 – Foto da oficina de banhos e garrafadas, realizada na comunidade do Rio Capim.

Fonte: Acervo pessoal de dona Glória – Ano 2022.

Na imagem 9, visualiza-se os sujeitos que participaram de uma das oficinas ministradas por dona Glória na comunidade do Rio Capim, que tinha como intuito ensinar o preparo de banhos e garrafadas para as pessoas que fazem uso das plantas medicinais, aprimorar em seus trabalhos para atender as necessidades da comunidade local.

Imagem 10 – Pomadas feita para puxação

Fonte: acervo pessoal de dona Glória - 04/09/2022.

Nesta imagem 10, é possível ver as pomadas e óleos, produtos muito utilizados na puxação das dores do corpo, e que são, feitos a partir da manipulação das plantas medicinais, muitas vezes cultivadas nos quintais de suas casas ou até mesmo extraídas das florestas nativas.

Imagem 11 – Foto das garrafadas produzidas nas oficinas.

Fonte: acervo pessoal de dona Glória

As oficinas possibilitaram ainda aos participantes, o aprendizado durante a preparação de garrafadas, como: o tipo de folhas, casca de pau, raízes e sementes a serem utilizadas na produção dessas garrafas, destinadas para o tratamento de determinadas enfermidades, que ocorrem na comunidade. Além disso, possibilitou também a geração de

renda, posto que, com esse aprendizado passaram a produzir e vender dentro e fora da comunidade.

Imagem 12 – Maria da Glória e seu Curumim na produção das garrafas.

Fonte: acervo pessoal de dona Glória – 04/09/2022.

A imagem 12 retrata o trabalho diário de dona Glória e seu Curumim, que se ocupam, quase que diariamente, da produção das garrafadas, atividade muito desenvolvida por ela, uma vez que este produto é utilizado, tanto para consumo, quanto para comercialização. Menciona-se que é mais uma das atividades na qual se observa a nítida transmissão de saberes sobre as plantas medicinais para aos mais jovens da comunidade.

Outra colaboradora deste estudo, a dona Benedita Silva, menciona, também, que a partir da sua formação com a utilização de plantas medicinais, já ministrou várias oficinas, ao longo dos anos, nos municípios do estado do Pará. Essas oficinas contavam com vários grupos sociais. Dona Benedita diz relembrar que já trabalhou com grupos de prostitutas, ensinando remédios naturais que auxiliam no cuidado e na saúde destas mulheres:

> No nosso curso a gente trabalhava em 11 municípios do Estado do Pará, a gente ia pra Marabá, trabalhar com prostitutas, tinha mais de três grupos de prostituta que elas vinham para aprender fazer remédio e elas contavam a vida delas, contavam que era muita doença, muita doença, sempre era um grupo de 12 a 15 mulheres e elas já iam levando aquela informação já para outras, então eu fazia a parte do remédio natural e a minha parceira Liduina trabalhava a parte química que ela era enfermeira, nós trabalhamos nove anos com isso e éramos gratificadas

> com isso, todo final de semana tinha curso e eu estava em um município diferente (Benedita Silva de Andrade, 65 anos, Limoeiro-PA. Entrevistada em 2023).

Nazaré Baía relata que vem pessoas de diversos lugares procurá-la, que confiam em seus métodos, podemos notar também em suas falas que ela dispõe de um público fiel, que sempre retorna e à recomendam para os demais:

> Minha, filha vem gente de todo canto me procurar, uma vez veio um homem de Santa Catarina pedir pra eu fazer remédio pra tu vê a distância, nem sei como esse homem me achou, a minha porta não para quieta sempre tem gente aqui me procurando pra tratar alguma doença, eles confiam no que faço e eu faço muita amizade neles (Nazaré Baía Pompeu, 64 anos, Cametá-PA. Entrevista realizada em 12/01/2023).

Dessa forma, observa-se que as práticas e saberes dessas mulheres se consolidam em meio a comunidade, em lugares de pouco acesso ou no ambiente de suas casas. A dedicação voltada para o saber popular lhes fornece trocas e amizades com os demais e na relação com a natureza encontram a visibilidade e bem-estar.

Nesse sentido, os saberes, as histórias e as memorias construídas acerca dos remédios naturais são saberes que se entrelaçam junto do organismo vivo que é a terra, essa relação de carinho e cuidado com as plantas se torna essencial na hora da produção e do uso remédios medicinais, compreender que zelar pela natureza gera prazer e potencializa espírito e é fundamental para entender a formação de identidade dessas mulheres.

Sobre essa relação com a natureza Krenak (2020) afirma,

> Muitos povos, de diferentes matrizes culturais, têm a compreensão de que nós e a Terra somos uma mesma entidade, respiramos e sonhamos com ela. Alguns atribuem a esse organismo as mesmas suscetibilidades do nosso corpo: dizem que esse organismo está com febre. Faz sentido: nós não somos constituídos de dois terços de água e depois vem o material sólido, nossos ossos, músculos, a carcaça? Somos microcosmos do organismo Terra, só precisamos nos lembrar disso (KRENAK, 2020 p.32).

Portanto, é notório que em diferentes culturas essa distinção entre natureza e humanidade não existe, para muitos povos a terra faz parte de nós e nós fazemos parte da terra e essa cosmovisão rompe com a lógica capitalista de exploração desenfreada, é necessário compreender que se ficarmos sem a natureza viva e em pé viramos órfãos e para essas mulheres cuidar e cultivar plantas medicinais é um aspecto vital e central de seus saberes, e nisso surge o que chamamos de quintais medicinais.

Dona Nazaré nos fala um pouco sobre seu quintal medicinal:

> “essa aqui é as minhas plantinhas, porque minha filha se chega uma pessoa doente na minha casa eu vou pego minhas plantinhas faço logo remédio, eu não tenho

> mais planta minha filha por ‘cousa’ que eu não tenho o esterco bonito, mas eu amo cuidar delas do jeito que posso” (Nazaré Baía Pompeu, 64 anos, Cametá-PA. Entrevista realizada em 12/01/2023))

O fácil acesso as plantas no quintal da casa, agiliza o atendimento. Além de ser um momento terapêutico, cuidar das plantas, trocar a terra, regar. O verde das folhas, o desabrochar das flores, trazem alegria a vida, que devido as adversidades do dia a dia que também enfrentam momentos tristes. Destacamos nas imagens a seguir, os quintais medicinais de nossas colaboradoras:

Imagem 13 – Dona Nazaré e suas plantas medicinais

Imagem 14 – Quintal medicinal Maria da Glória

Fonte: Arquivos da pesquisa, GAIA (2023).

Imagem 15 – Dona Benedita e seu quintal medicinal.

Fonte: Arquivos da pesquisa, GAIA (2023).

Durante as entrevistas e o convívio com essas mulheres foi observado o apego sentimental que nutrem em relação aos seus quintais repletos de uma gama diversificada de plantas, e que elas cuidam desses espaços, como sinônimo de seus próprias vida, caracterizados no saber e na cura. Elas conhecem o nome de cada espécie de planta e para que pode servir e como utilizá-las no âmbito medicinal de forma natural. O zelo apresentado de forma tão amorosa, nos remete a preservação e cuidado com a vida, aprender com essas mulheres a como se utilizar de forma respeitosa vai contra a lógica exploratória e consumista que destrói grandes recursos naturais.

O quintal é um espaço ao redor da casa utilizado para diversos fins, nesse caso, esse espaço é reservado para o plantio de plantas medicinais, facilitando o acesso a mesmas para tratamento imediato de dor de cabeça, dor de barriga, prisão de ventre, gripes e resfriados, entre outros. Para isso, elas cultivam plantas como algodoerio[11], hortelã[12], boldo[13], erva-cidreira[14], confrei[15], sucuriju[16], estão entre as mais encontradas.

Portanto, as mulheres em sua relação com a manipulação das plantas medicinais, tornam-se "médicas da terra"; aquelas que socorrem e atendem os doentes independente de horário e local, vão aonde é preciso e levam consigo suas pomadas para fazer puxação[17], as folhas pra ferver o chá, dependendo da enfermidade que irá encontrar. Logo, esse modelo de atendimento humanizado, cria laços durados de amizades com as pessoas atendidas e suas famílias, que desdobram em divulgação de seu trabalho para outras pessoas que passam por situação semelhante.

[11] O uso popular em tratamentos de dores de cabeça, pegar uma folha, murchar um pouco no fogo e amarrar na testa. Para vermelha (inflamação na pele) pegar uma envira e amarrar em cima da parte afetada. Para gripe ou asma, tirar o sumo da folha e tomar.

[12] O chá ou infusão das folhas ou ramos é usado para dor de barriga ou como calmante em crianças e adultos, também é muito utilizada com tempero em comidas.

[13] Bastante amarga, a folha do boldo serve para dores no estômago, comida que faz mal e febre, são colocadas em água e fervida e tomar depois que esfriar.

[14] Muito usada para casos de insônia atua como calmante, para facilitar o sono, é usado chás das folhas ou ramos.

[15] Uso popular é feito o emplasto para tratamento de cicatrizações de cortes, planta cultivada em hortas ou quintas.

[16] O seu uso empírico atua como diurético, anti-inflamatório, o chá utilizado para tratamento de gastrite e úlcera gástrica.

Fonte: MING, Lin Chau, Plantas medicinais: uso popular na reserva extrativista "Chico Mendes". Acre/ Lin Chau Ming, Paulo Gaudêncio e Virgílio Padilha dos Santos. Botucatu: CEPLAM ; UNESP, 1997.

[17] Ato de fazer massagem com pomadas com ervas medicinais.

2.3 AS PLANTAS QUE CURAM NO CONTEXTO PANDEMICO

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS)[18], no final de 2019 a organização foi alertada sobre um vírus que ainda não havia sido identificado em seres humanos na China. Em 2023, o mundo se viu assolado pela pandemia da COVID-19, milhões de pessoas perderam a vida, isolamento social, ensino remoto, foram algumas das medidas tomadas para conter a propagação do vírus.

A pandemia veio revelar o caos da saúde, pois não havia preparo para lidar com essa situação, bem como, profissionais suficientes ou hospitais, posto de saúde que desse conta de atender a demanda existente. Dessa forma, as pessoas recorreram a outras formas de tratamento, como aos saberes tradicionais no uso das plantas medicinais.

Devido ao aumento dia após dia nos casos de Covid, houve escassez de alguns medicamentos nas farmácias e insumos. Esse fato, pode ter contribuído para que as pessoas passassem a utilizar de forma mais intensa chás e garrafadas para aumentar a imunidade do organismo.

Nesse cenário, o município de Cametá foi fortemente impactado. Dispondo de somente dois hospitais, um público a nível regional[19] e outro particular, conveniado ao Sistema Único de Saúde (SUS). E uma unidade de pronto atendimento (UPA) para atender uma população estimada em 140.000 mil habitantes[20]. O resultado foi caótico, horas e horas para receber uma avaliação clínica, quando se conseguia acessar esses espaços. Somado a essa questão, havia o medo das pessoas irem a esses locais e serem contaminadas,

Assim sendo, evitava-se ao máximo ir aos hospitais, UPA ou postos de saúde. A esse respeito, dona Nazaré relata que:

> "Minha filha, a corona veio na minha casa várias vezes, porque eu não afrouxava gente na porta, a minha filha morria de preocupação, mas eu dizia *"minha filha, as pessoas que vem me procurar são as pessoas que tem confiança no meu trabalho, não posso fazer isso, fechar a porta pras pessoas"*, e eu graças Deus deu tudo certo e to bem e todo mundo tá bem'' (Nazaré Baía Pompeu, 64 anos, Cametá-PA. Entrevista realizada em 12/01/2023).

A procura pelos remédios caseiros foi intensa, a crença de que eles poderiam amenizar aquele mal era muito grande, no entanto, é valido ressaltar que a preocupação dos

[18] Fonte: https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19. Acessado em: janeiro/ 2023.
[19] O Hospital Regional de Cametá Romeu Peres, atende os municípios de Limoeiro do Ajuru, Baião, Oeiras do Pará, Mocajuba e Cametá.
[20] Fonte: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/cameta.html. Acessado em: janeiro/ 2023.

familiares com essas mulheres era constante, tendo em vista que a maioria delas fazem parte do grupo de risco, mas a vontade de ajudar era presente. Assim, com os(as) médicos(as) em hospitais, permaneciam no exercício de seus trabalhos ajudando os enfermos. Essas mulheres faziam o que era possível para ajudar os que as procuravam, fato evidenciado na fala de nossa colaboradora. Entre os remédios mais procurados dona Nazaré nos conta que:

> Ai eu passava, minha filha tu vai fazer suco de algodão, com a ortiga e mentruz, bate bem tira o liquido e põe bem mel de abelha e vai tomar que vai ser teu remédio, minha irmã eles iam no médico e tava limpinho o pulmão e vinha do hospital direto pra casa com pulmão que tava roxo e com remédio dava tudo certo, porque o mel de abelha cura a infecção, as plantas ajudam muito (Nazaré, Baía Pompeu, 64 anos, Cametá-PA. Entrevista realizada em 12/01/2023).

Dona Benedita relata também que durante o período pandêmico a procura por xaropes para tosse e para fortalecer o pulmão era intensa, mas a preocupação da família com essas mulheres é notória nas falas das entrevistadas:

> "Na época da covid eu fiz muito xarope, muito xarope mesmo, que era pra curar tosse e o pulmão, mas minha filha eu corri muito risco, foram 4 meses que a minha filha me levou pra Cametá e não me deixou voltar pra cá, de abril a julho" (Benedita Silva de Andrade, 65 anos, limoeiro-PA. Limoeiro-Pa. Entrevista realizada em 01/02/2023).

Os hospitais e postos de saúde estavam lotados com pessoas apresentando sintomas de COVID e outras doenças, no início da pandemia o conhecimento a cerca desse vírus era limitado, em vista disso muitas pessoas preferiam se utilizar de métodos naturais para amenizar os sintomas que estavam sentindo. Dona Maria da Glória destaca que:

> o período da COVID-19 foi muito triste, peguei covid bem no início da pandemia e fiquei muito doente mesmo e nos hospitais no início também não tinha noção de como tratar, e eu falo e vou continuar falando que covid só não me levou pelo conhecimento que eu tenho e pela convivência com a natureza que eu tenho, foi através desse espírito vibrante que adquiri pegando ervas, fazendo remédios" (Maria da Glória Rodrigues Gaia, 69 anos, Cametá- PA. Entrevista realizada em 09/02/2023)

Pessoas das áreas rurais e ribeirinhas evitavam vir a cidade por conta da forte onda de infecções, sendo assim, os métodos do uso com remédios naturais era um dos mais utilizados para o cuidado com a saúde. Pois, muitas dessas famílias sobrevivem também do cultivo e normalmente possuem em seus lares alguma planta que cura. Na fala de dona Glória, notamos que ocorria um contato de forma virtual para orientação do uso de algumas

ervas e óleos que poderiam ajudar a tratar de algum sintoma aparente da COVID-19, ela destaca que:

> a gente ia orientando e falando pro povo lá da estrada, lá dos rio que não vinham pra cidade porque tava muito mais forte na cidade e eles conhecem as ervas, quem ficou na zona rural usou muito do método natural, eles se cuidaram com chás, com leite de amapá, leite de sucuuba[21], copaíba[22] e você tem que apelar pros métodos naturais pra tratar dos rins, intestino, pra trata o fígado o pulmão e eu tive duas experiencias de tratar as pessoas que ficaram com sequelas e de me cuidar porque em mim deu muito forte, comecei a cuidar das sequelas com conhecimento que eu adquiri das plantas medicinais (Maria da Glória Rodrigues Gaia, 69 anos, Cametá-PA. Entrevista realizada em 09/02/2023).

A forte crença no poder das plantas medicinais foi a válvula de escape para muitas pessoas, com destaque para aqueles com baixo poder aquisitivo ou que estavam mais distantes dos centros urbanos. Dessa forma, em busca de aumentar a imunidade para não ser contaminado pelo vírus ou fortalecer o corpo para combater a doença, caso viesse ser infectado, fez aumentar o uso de plantas medicinais no dia-a-dia na pandemia (BRAGA, 2021).

A pandemia da COVID-19, trouxe muito medo e insegurança, despertou nas pessoas sentimentos inexplicáveis e revelou ao mundo problemas que até então sempre existiram, mas estavam silenciados. A quarentena, o isolamento, as transformações nas interações sociais nos mostraram que as relações humanas com a natureza devem ser repensadas.

A esse respeito, o autor indígena Krenak, pondera que,

> Vivemos hoje esta experiência de isolamento social, como está sendo definido o confinamento, em que todas as pessoas têm de se recolher. Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. Assistimos a uma tragédia de gente morrendo em diferentes lugares do planeta, a ponto de na Itália os corpos serem transportados para a incineração em caminhões (KRENAK, 2020 p.36-37).

O contexto pandêmico trouxe novos modos de manutenção da vida, uma vez que antes da pandemia e por todo período de história do Brasil os povos indígenas eram os principais ameaçados de extinção. Esse cenário foi modificado pela pandemia da COVID-19, agora, qualquer ser humano poderia sofrer dessa ameaça.

---

[21] Uso popular para emendar osso quebrado, é feito emplasto com leite e colocado na parte afetada. O chá da folha serve para gripe, inflamação e dor de barriga.

[22] O uso para dor ou inflamação de fígado e diabete é feito chá com casca. O óleo de copaíba é usado diretamente na parte afetada em cortes, feridas, umbigo de criança recém-nascida, bicheiras e pancadas. Para tosse, alguns pingos de óleo são colocados no café, água ou no chá e tomado. A casca entra na composição de todos os lambedores ou xarope para tosse. O óleo ainda é usado em dor de dente ou ouvido.

Nesse sentido, todas as artimanhas eram válidas para sobreviver dentro de uma realidade ainda recente, os métodos e o contato com plantas medicinais e com produtos da natureza, com fontes ricas em vitaminas eram essenciais para manutenção e fortalecimento do organismo.

Segundo os estudos de Rodrigues (2022):

> Ao longo desses últimos dois anos de pandemia, a maioria dos entrevistados relatou utilizar diferentes plantas para o tratamento de diversos sintomas da COVID-19. Foram citados 85 remédios naturais, em suas diferentes formas. Entre estes, oito produtos foram mencionados por cinco ou mais pessoas: alho, açafrão, boldo, canela, gengibre, guaco, limão e própolis. (RODRIGUES, 2022, p. 59254)

Conforme aborda Rodrigues, houve plantas que foram mais utilizadas na pandemia para combater os sintomas da Covid-19. Entre essas, podemos destacar o alho[23] com o limão[24], já muito usados no combate aos sintomas da gripe. O boldo, usado para combater os males do estomago e, a canela e gengibre com seus poderes anti-inflamatórios no corpo humano.

Portanto, os benéficos dos remédios naturais, foram um forte instrumento de tratamento e cura das pessoas com o fortalecimento de seus organismos. O uso de chás e sucos tratavam não somente do corpo físico, como também da saúde mental, que nesse período, foi fortemente abalada.

Enfim, observou-se que as plantas que curam passaram a ser mais utilizadas, sejam as cultivadas nos lares (quintais, hortas), sejam as adquiridas em mercados ou feiras livres. As discussões acerca da cultura e saber tradicional das ervas, plantas, raízes e seivas que curam foram disseminadas nos grupos sociais. Partindo dessa realidade, e buscando cada vez mais formas de tratamentos para a pandemia da COVID-19, as pessoas encontraram na natureza meios para fortalecer seu sistema imune, assim como, calmantes naturais e fitoterápicos para amenizar os efeitos da pandemia sobre a saúde mental.

[23] Uso popular para pressão alta e matar vermes, esmagar os dentes de alho e deixar no sereno de um dia para o outro com um pouquinho de açúcar e depois comer. Para tosse, fazer o chá e adoçar com mel ou açúcar.
[24] Suco de limão é muito tomado por conta da vitamina C, para gripe é feito um abafado com folhas do limão e tomado morno ou quente ou com açúcar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira no percurso do presente estudo, as narrativas dessas mulheres possibilitaram compreender a importância de saberes populares na vida e no cotidiano das pessoas que as rodeiam e confiam em suas práticas. Ao revistar as memórias, carregam consigo o saber tradicional de diferentes culturas. Mulheres que ressignificam e reescrevem suas histórias como protagonistas de seu tempo, ainda que por muitas vezes invisibilizadas, tornam-se sujeitas de suas histórias e transformam o modo de viver de seu grupo social.

Durante a realização desse estudo, as entrevistadas relembram que esses saberes são passados de diferentes formas, seja por meio de algum antepassado, seja por cursos ofertados na prelazia. A relação de vínculo com a natureza está presente nas falas e na vida das colaboradoras, pois é através da natureza elas conseguem exercer sua autonomia, seu bem-estar e fortalecer o elo de amizade com a comunidade.

Sem dúvidas, o saber dessas mulheres foi de extrema importância durante a pandemia do COVID-19, devido ao contexto de carência de saúde pública e o medo de se contaminar em hospitais. Recorrer aos remédios naturais se tornou mais próximo da realidade da população e o fácil acesso das plantas medicinais em seus quintais possibilitou essas mulheres o cuidado contra esses males.

Foi possível perceber durante a realização da pesquisa para este trabalho, como o contato com o saber tradicional acompanhou essas mulheres desde muito jovens. Elas aprendiam no ouvir, no fazer junto, e fazer quando fosse necessário. Sendo assim, a oralidade, na transmissão desse saber tradicional, é uma das formas de transmissão para as gerações mais jovens.

Por outro lado, é importante ser mencionado aqui, que o cenário da pandemia, retardou o andamento das atividades de pesquisa para este estudo, os entraves encontrados para a realização das entrevistas foram os mais diversos. Desde o contato presencial, que durante longos meses foi inviável, até a realização de entrevistas ou o registro de imagens, já que o isolamento social era necessário.

Contudo, foi durante a pandemia que a utilização dos remédios caseiros foi mais intensa. A grande procura pela cura e cuidado com o os remédios naturais, fortalecimento do sistema imunológico com a utilização de recursos naturais como o alho, limão, açafrão[25],

[25] De cor alaranjada seu uso terapêutico é utilizado em dores no estômago, com sua ação anti-inflamatória, antibacteriana e digestiva. Ajuda no combate de gripes, resfriados e no fortalecimento do sistema imunológico. Usando também como condimento e corante em alimentos

entre outros, foi o socorro que as pessoas, principalmente as mais carentes, encontraram, diante da falta de políticas públicas de saúde que alcançasse a todas as pessoas.

Portanto, esse estudo possibilitou esta pesquisadora iniciante a compreender o universo em que essas mulheres estão inseridas, a maneira com que elas manipulam as plantas medicinais se torna a principal forma de manutenção das relações sociais e de vida, onde nos preparos de banhos, garrafadas e pomadas escrevem suas histórias e ajudam no cuidado e saúde dentro da região Tocantina.

Não podemos deixar de registrar, que no contexto social feminino, as mulheres continuam lutando por espaço. Houve muitos avanços, no campo jurídico e político. No entanto, no campo social ainda temos muitas batalhas a travar contra o preconceito, a misoginia, a discriminação. A pandemia nos revelou muitas coisas, umas delas foi a violência doméstica e o abuso sexual. Esses fatos continuam ocorrendo em nossa sociedade, em alguns momentos com uma naturalidade assustadora.

Enfim, ao vermos mulheres que desafiam esse contexto, cuidando e tratando de outras mulheres. As garrafadas, banhos e chás, são amplamente utilizados por mulheres. A puxação, para colocar a mãe do corpo no lugar, como o útero é chamado no saber tradicional. São algumas das utilidades dos remédios caseiros. A autonomia discutida nesse estudo, está no fato, no cotidiano dessas mulheres ao conseguirem renda financeira, mesmo que seja uma renda pequena. Mas, que vai ajudá-la a comprar a alimentação, produtos para casa, dando direito a elas escolherem o que querem comprar, com o dinheiro que ganham com seu trabalho.

FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA:

a) **Fontes Orais**

ANDRADE, Benedita Silva. Entrevista 01/02/2023

GAIA, Maria da Glória. Entrevista 09/02/2023

POMPEU, Nazaré Baía. Entrevista 12/01/2023

b) **Fontes Escritas**

Cadernos manuscritos das entrevistadas com anotações de cursos, oficinais e receitas de medicamentos feitos de ervas e plantas medicinais.

c) **Fontes Imagéticas**

Mapas;

Imagem histórica da cidade;

Imagens Fotográficas que foram feitas no decorrer da pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

ALAMBERT, Zuleika. **A mulher na História. A História da mulher**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira/FAP; Abaré, 2004.

BAIA, Felipe de Moraes. **Relatório Final do Plano de Trabalho Mulheres Feirantes da Cidade de Cametá/PA.** Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/INTERIOR, FACHTO/UFPA-Cametá, 2019.

BALEIRO, Erleny. **Saberes sociais e culturais das mulheres da ilha de Tentém, no município de Cametá, Pará: Um estudo a respeito da utilização das plantas medicinais**. 2019.

BANÓSKI, Solange Aparecida. **Ervas medicinais.** Uberaba, 2002.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987

BRAGA, Joelma Correia Beraldo. Consumo de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: perfil de consumidores e sua relação com a pandemia de COVID-19. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.1, p. 3831-3839. Jan/ feb. 2021. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/25393. Acessado em Janeiro/ 2023.

BRAGANÇA, L. A. R. **Plantas medicinais antidiabéticas: uma abordagem multidisciplinar**. Niterói: EDUFF, v. 278, 1996.

CASTRO, Fábio F. e CASTRO, Marina R. N. **Feira, forma, dom.** Assimetrias da associação numa feira de Belém. Ano: 2014.

COSTA, Gilson da Silva. Desenvolvimento rural sustentável com base no paradigma da Agroecologia. Belém: UFPA-NAEA, 2006

FERREIRA, Viviani Epifânio Machado. **Um estudo sobre a utilização das plantas medicinais na rede de ensino de Dom Pedrito-RS e suas perspectivas pedagógicas.** Universidade Federal da Pampa, 2018.

FREIRE, Priscila. **Gênero e saberes da Amazônia. Reflexões sobre saúde e conhecimentos tradicionais**. Fazendo gênero 8- corpo, violência e poder. Florianópolis,2008.

GUEDES, Ana Célia Barbosa; CORBIN, Hisakhana. **Mulheres quilombolas e medicina popular: um estudo de caso em Santa Rita de Barreira, Pará**. Amazônica - Revista de Antropologia, v. 12, n.1, p.123-143, 2020.

HOBSBAWN, Eric J. **‘’ O sentido do passado’’** in.: Sobre História. São Paulo: Companhia de letras ,1998.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2020

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019

LE GOFF, Jacques **História e memória**. Campinas. Ed. UNICAMP. 1990

LOBÔ, Milene. **História, cultura e práticas de curas com plantas medicinais na comunidade de Belos Prazeres, município de Cametá-PA**. Campus Universitário Tocantins/Cametá, UFPA. Cametá,2014.

MING, Lin Chau, Plantas medicinais: uso popular na reserva extrativista "Chico Mendes". Acre/ Lin Chau Ming, Paulo Gaudêncio e Virgílio Padilha dos Santos.- Botucatu: CEPLAM; UNESP, 1997.

PERROT, Michelle, 1928- **Os excluídos da história** [recurso eletrônico]: operários, mulheres e prisioneiros. Seleção de textos e introdução de Maria Stella Martins Bresciani; tradução Denise Bottmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru-SP, EDUSC, 2005

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. "Escravidão, fuga e a memória de quilombos na região do Tocantins". P. 333 a 342. Proj. História, In: História e Oralidade, proj. São Paulo. Jun. 2001.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas: Práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina** / Benedita Celeste de Moraes Pinto – Belém: Editora Açaí, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Gênero e Etnicidade: histórias e memórias de parteiras e curandeiras no norte da Amazônia. IN: Revista Gênero na Amazônia, Belém, n. 2, jul./dez., 2012

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **História, memória e poder feminino nos povoados amazônicos**. In: http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1331847519_

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Historiografia, Resistência Negra e Formação de Quilombos na Amazônia Tocantina. In: Historiografia: nove debates, novas perspectivas. Ed. Campus Universitário do Tocantins/Cametá. 2015.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Mulheres Negras Rurais: Resistência e luta por sobrevivência na região do Tocantins (PA). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos**. Paka Tatu: Belém, 2004.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Vivências Cotidianas de Parteiras e 'Experientes' do Tocantins. Revista Estudos Feministas 2/2002. https://www.scielo.br/j/ref/a/Dx9hrHctJbGr66FSRz9nr6S/

PINTO, Dércio Coelho Nos entornos da cidade de Cametá (décadas de 1980-2000): Um estudo da ocupação da terra e formas de trabalho e moradia. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2019.

PINTO, Sherlyane Louzada. **Plantas Medicinais: Saberes, práticas e ensinamentos presentes na vivência de antigos moradores da cidade de Cametá.** Cametá, 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, 1992, pp. 207- 208.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 3, 1989.

POMPEU, José Danusio Pinto. Evolução territorial e urbana do município de Cametá - Estado do Pará. Cametá, PA: Editora, 2002. (Coleção Novo Tempo Cabano; 1)

PORTELLI, Alessandro. Memória e Diálogo: Desafios da História Oral Para a Ideologia Do Século XX. IN: História oral: desafios para o século XXI [online] (orgs.: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história Oral. In: Projeto História - Ética e História Oral. São Paulo:1997

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 15, abr. 1997

RAGO, Margareth. As mulheres na Historiografia Brasileira. In: Cultura histórica em debate. São Paulo: ed. Universidade Estadual Paulista, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAMPAIO, Patrícia Melo. O fim do silêncio: presença negra na Amazônia. Editora Açaí – Belém, 2011.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. **Representações da Mãe-África na literatura angolana.** Trama. [s.l.], v. 3, n. 6, p. 27-42. 2007). Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/1721. Acessado em: 05 out 2022.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. **Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. VI (suplemento). p. 919-939, setembro, 2000.

SARDENBERG, Cecília. Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista (transcrição revisada da comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, NEIM/UFBA, Salvador, 2006, ampliado na versão 2009.

SHANLEY, Patricia; SERRA, Murilo; MEDINA, Gabriel. Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica. Ilustrações: Silvia Cordeiro; Miguel Imbira. - 2a ed. rev. Ampl. – Bogor, ID: Cifor, 2010.

SILVA, Sandra Cavalcante; DIAS-SCOPEL, Raquel; SCHWEICKARDT, Júlio. "Gestação e Parto em uma comunidade rural amazônica: reflexões sobre o papel da parteira tradicional". Interface (Botucatu) [online]. 2020, vol.24, e190030. Epub 30-Nov-2020.

SOUSA, Priscila Susan Miranda de. As parteiras e os médicos: a inserção do gênero masculino numa realidade feminina (século XIX e início do século XX) Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 2005. (Dissertação)

SOUZA, Heloisa Regina. Doutoras no assunto: memórias e histórias de parteiras oestinas. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, Florianópolis. UFSC, 2010.

THOMPSON, Edward Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. In: Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 15, abr.1997.

TORNQUIST, Carmen Susana. Parteiras Populares: entre o folclore e a escuta. Gênero, v. 6, p. 61-80. 2005.

TORNQUIST, Carmen Susana. Parto na contemporaneidade: perspectivas antropológicas, v.06, p. 09-16. 2006.

VENDRÚSCOLO, Claúdia Tomasi; KRUEL, Cristina Saling. A história do parto: do domicílio ao hospital; das parteiras ao médico; de sujeito a objeto. In: Disciplinarum scientia. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2016. (Revista)

ZÚÑIGA, Natalia Monge. Saberes, práticas e histórias de vida de parteiras tradicionais da Resex Mapuá, Ilha do Marajó — 2015/2017. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) — INEAF, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020

ZÚÑIGA, Natalia Monge; PINTO, Benedita Celeste de Moraes; BARROS, Flávio Bezerra. Parteiras e o ofício de "pegar criança" e "cortar umbigo" na Reserva Extrativista Mapuá, Ilha do Marajó. IN: **Coisas do Gênero- Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião.** São Leopoldo- v. 6, n. 1 | p. 154-170 | Jan.- Jun. 2020. http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/3992